



P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

*Noites brancas*

# dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

FIÓDOR  
DOSTOIÉVSKI

Noites brancas  
*Romance sentimental*  
(*Das memórias de um sonhador*)

*Tradução do russo, apresentação e notas de*  
RUBENS FIGUEIREDO



---

COMPANHIA DAS LETRAS

# Sumário

Apresentação — Rubens Figueiredo  
Nota da edição

NOITES BRANCAS: ROMANCE SENTIMENTAL  
(DAS MEMÓRIAS DE UM SONHADOR)

Primeira noite  
Segunda noite  
História de Nástienka  
Terceira noite  
Quarta noite  
Manhã

*Apêndice*  
POLZUNKOV



---

COMPANHIA DAS LETRAS

## NOITES BRANCAS

FIÓDOR MIKHÁILOVITCH DOSTOIÉVSKI nasceu em 1821, em Moscou, no hospital onde seu pai trabalhava como médico. A mãe morreu de tuberculose em 1837 e Dostoiévski foi para São Petersburgo com o irmão, para estudar engenharia. O pai morreu em 1839, após uma fase de depressão e alcoolismo. Dostoiévski formou-se em 1843, obtendo a patente militar de subtenente. Seus primeiros passos na literatura foram duas peças teatrais, que ficaram inacabadas, e a tradução do romance *Eugénie Grandet*, do escritor francês Honoré de Balzac (1844). Seu romance de estreia foi *Gente pobre* (1846), escrito depois de abandonar a carreira militar. Seguiram-se o romance *O duplo* (1846) e as novelas *A senhoria* (1847) e *Noites brancas* (1848), além do romance inacabado *Niétotchka Niezvánovna*. Nessa época, Dostoiévski participava de um grupo clandestino chamado Círculo de Petrachévski, no qual se liam e discutiam textos proibidos. Petrachévski, mentor do grupo, era adepto do socialista utópico francês Charles Fourier. Em 1849, vários membros do círculo foram presos e condenados à morte, entre eles Dostoiévski. No último instante, porém, a pena foi cancelada e convertida em quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria e cinco de serviço militar como soldado raso. No exílio, Dostoiévski conheceu sua primeira esposa, Maria Dmítrievna Issáieva, e nessa mesma época sofreu os primeiros ataques de epilepsia. Em 1859, voltou para São Petersburgo e, com o irmão, fundou a revista *Vrêmia* [Tempo], na qual publicou seu romance *Humilhados e ofendidos* (1861). Em 1862, publicou *Recordações da casa dos mortos*, lembranças do tempo de prisão disfarçadas de romance. Em 1862 e 1863, viajou por algumas cidades da Europa Ocidental, onde perdeu muito dinheiro no jogo e conheceu uma amante. Em 1864, morreram sua esposa e seu irmão, que, além da viúva, deixou quatro filhos e uma enorme dívida. Coube a Dostoiévski sustentar a todos, além do enteado e de outro irmão alcoólatra, circunstância que o deixou cada vez mais endividado. Em 1864, publicou *Memórias do subsolo* e, em 1866, *Crime e castigo*. Seu romance seguinte, *O jogador*, foi escrito às pressas para saldar dívidas. A fim de entregá-lo no prazo exigido pelo editor, Dostoiévski contratou a estenógrafa Anna Grigórievna Snítkina, que tinha vinte e quatro anos, na época, e com quem Dostoiévski se casou em 1867. Os dois partiram para morar em Dresden e em Genebra, onde nasceu e, em seguida, morreu sua primeira filha. De volta a Dresden, nasceu sua segunda filha. Em 1868, publicou o romance *O idiota* e, em 1872, *Os demônios*, que polemiza diretamente com alguns setores do movimento revolucionário. Em 1873 e 1874, escreveu *Diário de um Escritor*, uma série de artigos e contos publicados de modo seriado num periódico. Em 1875, publicou o romance *O adolescente* e, em 1881, *Os irmãos Karamázov*, ano em que morreu de enfisema pulmonar, em São Petersburgo. A adesão de Dostoiévski à religião cristã ortodoxa, que vinha de muitos anos, o levava, nessa altura da vida, a

manter estreitas relações com expoentes do clero ortodoxo, bem como com autoridades do governo e com a própria família do tsar. Dostoiévski foi sepultado no mosteiro de Aleksandr Niévski, em São Petersburgo, e seu enterro foi acompanhado por uma multidão de milhares de pessoas.

RUBENS FIGUEIREDO nasceu em 1956, é escritor e tradutor. Entre seus livros, estão os romances *Barco a seco* (2001, prêmio Jabuti), *Passageiro do fim do dia* (2010, prêmio Portugal-Telecom e prêmio São Paulo) e os livros de contos *O livro dos lobos* (1994-2008), *As palavras secretas* (1998, prêmio Jabuti e prêmio da Biblioteca Nacional), *Contos de Pedro* (2006). Suas traduções incluem obras russas de Tchékhov, Turguêniev, Gontcharóv, Górkí, Tolstói e Bábel. Recebeu o prêmio da Biblioteca Nacional pela tradução de *Ressurreição*, e os prêmios da Academia Brasileira de Letras e da APCA pela tradução de *Guerra e paz*, ambos de Liev Tolstói.

# Apresentação

RUBENS FIGUEIREDO

Dostoiévski escreveu *Noites brancas* em 1848, em São Petersburgo, aos vinte e sete anos de idade. A novela foi publicada no mesmo ano na revista mensal *Otietchéstvenii Zapíski* [Anais da Pátria], que divulgava textos de importantes intelectuais russos, como Bielínski (morto também em 1848), Herzen, Bakúnin, Nekrássov e Turguêniev. Nessa altura, Dostoiévski já havia escrito os romances *Gente pobre* e *O duplo* (1846) e as novelas *Romance em nove cartas* e *A senhoria*. Tanto essas obras como os artigos que publicava com frequência em outros periódicos já o elevavam a uma posição de certo destaque, nas polêmicas que empolgavam os intelectuais russos e a parte mais letrada da população.

É importante ressaltar que o ano de 1848 foi marcado por uma vaga de movimentos revolucionários que transformaram, ou pelo menos abalaram, o regime político de vários países europeus. Na Rússia, o tsar Nicolau I, alarmado com os possíveis efeitos internos dos acontecimentos, deu início ao período chamado de “os sete anos sombrios”: um ciclo de repressão política ainda mais acirrada do que a vigente desde sua ascensão, em 1825. E, em 1849, um ano após a publicação de *Noites brancas*, Dostoiévski foi uma das muitas vítimas daquelas perseguições.

Como havia muitos textos proibidos, era comum a formação de círculos clandestinos, cuja atividade se



concentrava, em geral, na leitura dessas obras, muitas das quais circulavam apenas em cópias manuscritas, e no debate sobre seu significado. Um dos mais célebres foi o Círculo de Petrachévski, cujas reuniões ocorriam na biblioteca da casa do próprio Petrachévski, tradutor-intérprete empregado no Ministério do Exterior e adepto das ideias do socialista utópico francês Charles Fourier.

Em 1849, vários participantes do círculo foram presos e condenados à morte, entre eles Dostoiévski. A principal acusação era terem lido em público uma carta proibida de Bielínski dirigida ao escritor russo de origem ucraniana Nikolai Gógol, em que o crítico questionava, de modo contundente, as posições do autor de *Almas mortas* naquela ocasião, tidas por ele como demasiado conservadoras. No momento da execução da pena, porém, quando os fuzis já estavam apontados para Petrachévski e mais dois companheiros, e Dostoiévski, sentado, aguardava sua vez, a pena de morte foi cancelada e transformada em prisão e banimento. Esse tipo de tortura psicológica não era tão incomum e, alguns anos depois, outro importante escritor russo, Tchernichévski, passaria pela mesma experiência. De todo modo, o período de banimento — dez anos ao todo — dividiu a vida de Dostoiévski, que voltaria a São Petersburgo mais seguro e amadurecido para retomar sua carreira de escritor.

A década de 1840 também foi marcada pela enorme influência, justamente, de Nikolai Gógol, que havia lançado a primeira parte de seu romance *Almas mortas* em 1842. Com a morte de Púchkin em 1837, coube a Gógol ocupar o centro das expectativas russas da construção de uma literatura capaz de se apresentar em pé de igualdade com a literatura dos países ricos da Europa. Na Rússia, na época, essa não era uma questão puramente

artística: estava intrinsecamente ligada ao projeto geral de transformar um país tido como atrasado numa sociedade equivalente àquelas que se desenvolviam nos países centrais europeus. Essa é a raiz da polêmica de Bielínski com Gógol e, em menor escala, com o próprio Dostoiévski. Pois, se Bielínski elogiou *Gente pobre*, fez muitas objeções ao romance seguinte de Dostoiévski, *O duplo*, no qual identificou, exatamente, fortes elementos do romantismo.

*Noites brancas*, portanto, pertence a essa primeira fase de Dostoiévski, em que o peso do componente romântico é mais sensível. No entanto, também se faz sentir, na novela, a presença do melodrama, ou seja, a ênfase em situações patéticas, que envolvem sentimentos violentos, num arcabouço geral que remete diretamente ao teatro. Se a influência romântica perderá espaço na obra futura do autor, o melodrama, todavia, continuará presente como uma das matrizes de sua escrita.

Assim também, se com o correr do tempo a influência de Gógol vai se mostrar mais difusa na obra de Dostoiévski, nessa primeira fase, contudo, ela ressalta em primeiro plano: seja no pendor para o cômico e até, às vezes, para o caricato — como o leitor poderá verificar no conto “Polzunkov”, também de 1848, incluído ao final deste volume —, seja no recurso ao fantástico e às metáforas expandidas. É o que podemos constatar, por exemplo, nas primeiras páginas de *Noites brancas*, quando o protagonista dialoga com os prédios das ruas de Petersburgo, os quais falam e até se movimentam como se fossem pessoas.

De fato, desde as primeiras páginas de *Noites brancas*, São Petersburgo, a capital do Império Russo, é muito mais do que um cenário ou pano de fundo. Símbolo da drástica modernização promovida pelo regime tsarista, a

cidade se relaciona com o protagonista como um personagem coletivo, pelo qual, no entanto, o herói se sente abandonado ou esquecido numa espécie de vácuo social.

Quanto a isso, cabe frisar que a introdução acelerada do capitalismo na Rússia não eliminou por completo os grupos sociais do regime anterior. Essa persistência ou sobrevivência do antigo no novo adicionou uma nova dimensão de conflitos a um contexto já em si conflituoso. Com isso em mente, talvez o leitor possa apreender com mais riqueza o significado das escolhas do herói anônimo desta novela, que prefere viver isolado, sem nenhuma relação social ou afetiva, e anular-se num cotidiano que se resume a ir e vir a pé de casa para o trabalho. Contudo, é para essas caminhadas pela cidade que ele reserva seus melhores momentos, por meio do devaneio e do sonho.

O próprio protagonista de *Noites brancas* se define como um “sonhador”. A palavra é apresentada por ele como a denominação de um “tipo”, ou seja, uma figura que sintetiza um conjunto de atitudes com relação à vida. Um ano antes (1847), numa de suas *Crônicas de São Petersburgo*, Dostoiévski havia formulado a ideia do tipo do sonhador: “Então, nos caracteres sôfregos de atividade, sôfregos de uma vida espontânea, sôfregos de realidade, mas fracos, femininos, ternos, pouco a pouco nasce o que chamam de sonhadorismo, e a pessoa se torna não uma pessoa, mas uma espécie de criatura estranha, do gênero neutro: um sonhador. E o sonhador é o pesadelo de Petersburgo [...]”.

O próprio título da novela remete a esse tipo de indefinição, entre o sono e a vigília, ou à situação de quem sonha acordado. Pois a expressão “noites brancas” se refere a um fenômeno climático que marca São

Petersburgo em certa fase do verão: o sol nunca chega a se pôr completamente e as noites conservam uma constante luminosidade de crepúsculo. Além de embaralhar um pouco os dias e as noites e diluir as referências do tempo, essa luz confere um contorno irreal e onírico aos personagens e ambientes.

No esforço de apreender a complexidade da experiência histórica de seu país, a literatura russa experimentou desenvolver tipos humanos que ganharam alcance e desdobramentos inesperados. Desse modo, o sonhador de *Noites brancas* se junta a uma rica galeria de tipos: o homem supérfluo, o niilista, o pequeno homem, o homem do subsolo, o homem novo. Em todos, de várias formas, a tônica é o conflito e algum tipo de inconformismo. Ainda quando ele se exprime — como no caso do anônimo sonhador de Dostoiévski — na forma de uma alienação voluntária, cujo teor trágico reside na clara e irremediável consciência do herói acerca de sua condição.

## Nota da edição

Original usado para esta tradução: Ф. М. Достоевский. Собрание сочинений в 15 томах. Ленинград: Наука, 1990. т. 2. (F. M. Dostoiévski. *Obras reunidas em 15 volumes*. Leningrado: Naúka, 1988. v. 2.)

# Noites brancas

*Romance sentimental*

*(Das memórias de um sonhador)*

*... Ou ela foi criada para ficar  
Ainda que só um momento  
Perto do teu coração?\**  
Ivan Turguêniev

---

\* Citação ligeiramente incorreta do poema “Flor”, de Ivan Turguêniev, publicado em 1843, sob pseudônimo. “Ela”, no poema, refere-se a uma flor colhida na beira de uma estrada (“ele”, no original, pois o substantivo *tsvetok*, flor em russo, é masculino).

## Primeira noite

Era uma noite maravilhosa, caro leitor, uma noite como só pode existir, talvez, quando somos jovens. O céu estava tão estrelado, tão luminoso, que, depois de olhar para ele, era impossível não perguntarmos a nós mesmos se, debaixo de um céu assim, podiam viver pessoas mal-humoradas e caprichosas. Essa pergunta também é juvenil, caro leitor, e bastante juvenil, mas Deus queira que ela venha muitas vezes ao seu espírito! Ao falar de pessoas caprichosas e mal-humoradas, não pude deixar de lembrar minha conduta respeitosa durante todo esse dia. Desde a manhã, me atormentou uma espécie surpreendente de melancolia. De uma hora para outra, tive a impressão de que estava sozinho, de que todos me abandonavam e se afastavam de mim. Naturalmente, você tem todo o direito de perguntar: Quem são “todos”? Pois, afinal, já faz oito anos que moro em Petersburgo e não consegui conhecer quase ninguém. Mas para que eu ia querer conhecer alguém? Mesmo sem isso, toda Petersburgo já é minha conhecida; e foi por isso que me pareceu que todos me abandonavam, quando Petersburgo inteira se levantou da cama e, de repente, partiu para as casas de campo. Senti-me horrível ao ficar sozinho, e por três dias inteiros vaguei pela cidade numa angústia profunda, sem entender absolutamente o que estava acontecendo comigo. Vou à avenida Niévski, vou ao jardim, vou à calçada na beirada do rio e não vejo nenhuma das pessoas que estou habituado a encontrar nesses lugares, no horário de sempre, o ano inteiro. Elas



não me conhecem, é claro, mas eu as conheço. E as conheço intimamente; quase decorei suas fisionomias — e me encanto, quando estão alegres, e me deprimos, quando estão sombrias. Quase fiz amizade com um velhinho que encontro todo santo dia, sempre no mesmo horário, no rio Fontanka. Uma fisionomia tão imponente, pensativa; sempre fala sozinho, em voz baixa, e abana a mão esquerda, enquanto, na direita, traz uma bengala comprida e nodosa, com castão dourado. Ele até reparou em mim e me trata com vivo interesse. Se por acaso eu não aparecer no horário de sempre, naquele lugar na beira do Fontanka, estou convencido de que ele vai ficar angustiado. Por isso, às vezes, nós quase nos cumprimentamos com a cabeça, sobretudo quando estamos ambos de bom humor. Há pouco tempo, depois de dois dias sem nos encontrarmos, no terceiro dia, nós nos vimos e por muito pouco não tiramos o chapéu, mas felizmente nos controlamos a tempo, baixamos as mãos e, com simpatia, passamos um ao lado do outro. Também as casas são minhas conhecidas. Quando caminho, cada casa parece que corre a meu encontro, na rua, olha para mim por todas as janelas e quase diz: “Bom dia; como tem passado? Eu vou bem, graças a Deus; em maio, vão acrescentar, em mim, mais um andar”. Ou então: “Como tem passado? Amanhã, vou entrar em reforma”. Ou então: “Por muito pouco não peguei fogo, levei um susto” etc. Entre elas, tenho minhas preferidas, são amigas íntimas; uma delas tem intenção de tratar-se, neste verão, com um arquiteto. Vou passar lá todo dia, de propósito, para que ela não seja tratada de qualquer jeito, que Deus a proteja!... Mas nunca vou esquecer a história de uma linda casinha cor-de-rosa. Era uma encantadora casinha de pedra, ela olhava para mim com tanta simpatia, olhava com tanto orgulho para as

desajeitadas casas vizinhas, que meu coração se alegrava, quando acontecia de eu passar perto dela. De repente, faz uma semana, estou andando pela rua e, quando olho para a amiga, ouço um grito de lamento: “Estão me pintando de amarelo!”. Bandidos! Bárbaros! Não pouparam nada: nem colunas nem cornijas, e minha amiga amarelou-se como um canarinho. Por pouco não sofri um ataque de icterícia, por causa disso, e desde então nem tenho coragem de rever minha pobre desfigurada, que pintaram da cor do Império Celeste.\*

Portanto, leitor, você entende de que modo eu e Petersburgo inteira nos conhecemos.

Já disse que, por três dias inteiros, uma inquietude me atormentou, até que adivinhei o motivo. Na rua, me sentia mal (certa pessoa não aparece, outra também não, para onde terá ido aquela?) e, em minha casa, também não me sentia à vontade. Passei duas noites a me indagar: O que é que está me faltando, aqui no meu canto? Por que me incomoda tanto ficar aqui? E observava com perplexidade as paredes verdes, encardidas de fuligem, o teto com a teia de aranha que Matriona havia cultivado com grande sucesso, eu examinava todos os meus móveis, observava cada cadeira, pensando se não estava ali a causa da desgraça (porque, se apenas uma cadeira não estivesse exatamente no mesmo lugar do dia anterior, eu já ficaria transtornado), olhava para a janela, e tudo era em vão... Não encontrava nenhum alívio! Inventei até de chamar Matriona e lhe fiz um sermão paternal, por causa da teia de aranha e da negligência, em geral; mas ela ficou só olhando para mim, com espanto, e foi embora sem dizer nenhuma palavra em resposta, portanto a teia continua até agora a salvo, pendurada no mesmo lugar. Por fim, só hoje de manhã atinei qual era o problema. Ah! Foi então

para fugir de mim que eles partiram para o campo! Desculpe minha linguagem trivial, mas não sou de usar frases pomposas... pois, afinal, tudo que havia em Petersburgo se mudara, ou estava se mudando, para o campo; porque todo senhor respeitável, de aparência sólida, que tomava um coche de aluguel, logo se tornava, aos meus olhos, um respeitável pai de família que, depois de cumprir as obrigações cotidianas do emprego, se dirigia, sem bagagens, para o seio da família, numa casa de campo, porque todos os transeuntes tinham, agora, um aspecto absolutamente peculiar e por muito pouco não diziam, uns para os outros, a cada encontro: “Estamos aqui só de passagem, senhores, daqui a duas horas partiremos para o campo”. Caso se abra uma janela, na qual, de início, tamborilam uns dedinhos finos e brancos como açúcar, e desponte a cabecinha de uma moça bonita, que chama um vendedor de vasos de flores — na mesma hora, me vem a ideia de que estão comprando essas flores não para desfrutar a primavera e as flores num apartamento abafado da cidade, pois muito em breve todos vão se mudar para o campo e levarão as flores junto. Além do mais, eu já obtivera tantos êxitos no meu gênero novo e singular de descobertas que era até capaz de apontar, de modo infalível, só pelo aspecto, em que tipo de casa de campo cada pessoa estava morando. Os que iam para as casas de campo nas ilhas Kámienni e Aptiékariski ou na estrada de Peterhof se distinguiam pelo estudado refinamento das maneiras, pelos trajes de verão elegantes e pelas belas carruagens em que iam para a montanha. Os que partiam para as casas de campo em Párgolovo e locais mais distantes “causavam impressão”, desde o primeiro olhar, por sua sobriedade e seu porte garboso; o visitante da ilha Krestóvski se distinguiu pelo aspecto inabalavelmente alegre.

Acontecia de eu topar com uma comprida procissão de carroceiros que, preguiçosamente, levavam as rédeas nas mãos, ao lado de carroças carregadas até em cima com montanhas de todo tipo de móveis, cadeiras, mesas, sofás turcos e não turcos, e outros tantos trastes domésticos, sobre os quais, ainda por cima, muitas vezes, no topo da carroça, ia instalada em seu trono uma cozinheira magricela, que tomava conta dos pertences do patrão como se fossem sua menina dos olhos; ou eu olhava para os barcos sobrecarregados de utensílios domésticos que navegavam pelo rio Nievá ou pelo rio Fontanka, até o riacho Tchiórnaia ou até as ilhas — carroças e barcos se multiplicavam por dez, por cem, diante de meus olhos; parecia que todos se levantavam e iam embora, todos emigravam em caravanas inteiras, rumo às casas de campo; parecia que toda Petersburgo ameaçava transformar-se num deserto, a tal ponto que acabei por me sentir envergonhado, ofendido e triste: decididamente, eu não tinha para onde ir nem tinha por que ir para o campo. Estava disposto a partir em qualquer carroça, ir embora com qualquer senhor de aspecto respeitável que tivesse alugado um coche; porém nenhum deles, absolutamente ninguém, me convidou; parecia que tinham se esquecido de mim, parecia que, para eles, eu era, de fato, um estranho!

Caminhei bastante e por muito tempo, a ponto de conseguir esquecer completamente onde eu estava, como era meu hábito, quando de repente me vi nos portões da cidade. Na mesma hora, fiquei alegre e atravessei a divisa, andei por campos semeados e por pastos, sem sentir cansaço, apenas sentia, em todo o corpo, que um fardo se desprendia de minha alma. Todos os viajantes olhavam para mim com tanta simpatia que, de fato, por muito pouco não me cumprimentavam com

uma reverência; por algum motivo, todos estavam muito contentes e todos, cada um deles, fumavam charutos. Eu também estava contente, como nunca em minha vida. Era como se, de repente, eu tivesse ido parar na Itália — tamanha era a impressão que a natureza me causava, a mim, morador da cidade, meio enfermo, que quase sufocava entre as paredes urbanas.

Há algo inexplicavelmente comovedor em nossa natureza de Petersburgo, quando, com o avanço da primavera, de repente ela exprime toda sua energia, todas as forças que lhe vêm do céu, e se enfeita e se colore... Sem querer, não sei como, ela me faz lembrar a moça doentia, murcha, para quem olhamos, às vezes com pena, às vezes com uma espécie de amor compassivo, a moça que às vezes simplesmente não notamos, mas que, de repente, num instante, como que por acaso, de modo inexplicável, por um milagre, se torna linda e nós, impressionados, arrebatados, não podemos deixar de perguntar a nós mesmos: que força fez reluzir, com tamanha chama, esses olhos tristes e pensativos? O que injetou sangue nessas faces pálidas e descarnadas? O que impregnou de paixão as feições meigas desse rosto? Por que esse peito palpita dessa forma? O que foi que, de repente, insuflou vida, força e beleza no rosto pálido da moça, fez seu rosto reluzir com tamanho sorriso, animar-se com um riso tão cintilante, faiscante? Olhamos em volta, procuramos alguém, desconfiamos de alguma coisa... Mas o momento passa e, talvez, já no dia seguinte, encontremos de novo o mesmo olhar pensativo e distraído de antes, o mesmo rosto pálido, a mesma resignação e timidez nos movimentos e até um remorso, até vestígios de uma espécie de nostalgia mortal e de um desgosto, por causa daquele fervor momentâneo... E lamentamos que a

beleza momentânea tenha se desbotado tão depressa, de modo tão irreparável, que ela tenha chamejado tão ilusória e vã, diante de nós — lamentamos não ter tido tempo sequer de nos apaixonar por ela...

No entanto, minha noite foi melhor do que o dia! Foi assim:

Voltei para a cidade já bem tarde, eram mais de dez horas quando me aproximei de meu apartamento. Meu caminho passava pela beira de um canal onde, nessa hora, não se encontra mais ninguém. Na verdade, eu moro numa parte bem afastada da cidade. Eu caminhava e cantava, porque, quando estou feliz, sempre cantarolo algo baixinho, como faz qualquer pessoa feliz que não tem amigos nem bons conhecidos e que, nos momentos alegres, não tem com quem dividir sua alegria. De repente, aconteceu comigo uma aventura totalmente inesperada.

Pertinho de mim, encostada no parapeito do canal, uma mulher estava de pé; com os cotovelos apoiados na grade, parecia observar a água turva com muita atenção. Usava um chapeuzinho amarelo muito gracioso e uma mantilhazinha preta e charmosa. “É jovem e só pode ser morena”, pensei. Parece que não ouviu meus passos, nem mesmo se moveu quando passei a seu lado, prendendo a respiração e com o coração batendo forte. “Estranho!”, pensei. “Na certa, está pensando muito em alguma coisa”, e de repente parei, como que pregado no chão. Eu tinha ouvido um suspiro abafado. Sim! Eu não me enganara: a mocinha estava chorando, e passou um minuto, e outro minuto, e o choro continuava. Meu Deus! Senti um aperto no coração. E por mais que eu fosse tímido com mulheres, aquele era um instante especial!... Virei-me, andei na direção dela e, com toda a certeza, teria dito: “Prezada senhora!”, se eu não soubesse que

essa exclamação já havia sido proferida mil vezes em todos os romances russos que tratam da alta sociedade. Foi só isso que me deteve. Porém, enquanto eu procurava outras palavras, a mocinha se refez, olhou para o lado, lembrou onde estava, baixou os olhos e passou deslizando a meu lado, pela calçada na beira do canal. Na mesma hora, eu a segui, mas ela percebeu, parou junto ao cais, atravessou a rua e seguiu pela outra calçada. Não me atrevi a atravessar a rua. Meu coração palpitava como o de um passarinho capturado. De repente, um acaso veio me socorrer.

Do outro lado da rua, não distante de minha desconhecida, de repente, apareceu um cavalheiro de fraque, de idade respeitável, mas não se podia dizer o mesmo do seu jeito de andar. Cambaleava, apoiando-se com cuidado na mureta. Já a mocinha andava como uma flecha, apressada, tímida, como andam, em geral, todas as mocinhas que não querem que alguém se ofereça para acompanhá-las até sua casa à noite, e, está claro, o cavalheiro cambaleante não a alcançaria de jeito nenhum, se meu destino não tivesse lhe dado a ideia de procurar meios astuciosos. De repente, sem dizer nada a ninguém, meu cavalheiro deu uma guinada e voou em desabalada carreira no encalço da minha desconhecida. Ela andava como o vento, mas o esvoaçante cavalheiro estava quase alcançando seu alvo, alcançou, a moça gritou e... sou grato ao destino pela excelente bengala nodosa que calhou de estar em minha mão direita, naquele momento. Num instante, me vi do outro lado da rua; num instante, o cavalheiro inoportuno entendeu do que se tratava, levou em consideração meu argumento irresistível, não falou nada, afastou-se e, só quando já estávamos bem longe, protestou contra mim e com

expressões muito enérgicas. Mas suas palavras quase não chegaram até nós.

— Dê sua mão — eu disse para a minha desconhecida — e ele não vai mais se atrever a chegar perto.

Em silêncio, ela me deu a mão, ainda trêmula de emoção e medo. Ah, cavalheiro inoportuno! Como sou grato a você por aquele momento! Olhei de relance para a moça: era graciosa e moreninha — eu tinha adivinhado; os cílios pretos ainda brilhavam com as gotas de lágrimas do medo recente ou do desgosto anterior — não sei. Mas nos lábios já cintilava um sorriso. Ela também olhou para mim furtivamente, corou de leve e baixou os olhos.

— Viu só? Por que a senhora me evitou? Se eu estivesse ali, nada teria acontecido...

— Mas eu não conhecia o senhor: achei que o senhor também...

— E por acaso a senhora me conhece, agora?

— Um pouquinho. Veja, por exemplo, por que o senhor está tremendo?

— Ah, a senhora percebeu desde o início! — retruquei exultante, pois minha mocinha era inteligente: isso nunca atrapalha a beleza. — Sim, desde o primeiro olhar, a senhora percebeu de quem se tratava. Na verdade, sou tímido com mulheres, estou emocionado, não nego, assim como a senhora estava um minuto atrás, quando aquele cavalheiro a assustou... Agora, sou eu que estou assustado. É como um sonho e nem em sonho eu podia adivinhar que, um dia, ia falar com alguma mulher.

— Como assim? É mesmo?...

— É, sim, se minha mão está tremendo, é porque nunca tinha segurado uma mãozinha tão pequena e bonita como a da senhora. Estou desabituaado a mulheres; ou melhor, nunca estive habituado a mulheres; sabe, vivo sozinho... Nem sei como falar com elas. Veja, agora



mesmo, não sei... será que falei alguma tolice para a senhora? Responda com franqueza: aviso à senhora, não sou suscetível...

— Não, nada disso, nada disso; ao contrário. E já que o senhor exige que eu seja sincera, vou dizer ao senhor que as mulheres gostam dessa timidez; e, se quer saber, eu também gosto e não vou mandar o senhor embora, até chegar em casa.

— O que a senhora vai fazer comigo — falei, arfante de entusiasmo — é que vou acabar perdendo a timidez e aí, adeus para todos os meus métodos!

— Métodos? Mas que métodos, para quê? Olhe lá, isso já não é bom.

— Desculpe, não farei isso. As palavras escaparam; mas como a senhora quer que, num momento assim, não exista o desejo de...

— De agradar, não é?

— Claro, isso mesmo; mas, pelo amor de Deus, seja boa. Avalie quem eu sou! Afinal, já tenho vinte e seis anos e jamais conheci alguém. Como posso conversar direito, com desenvoltura e propriedade? Será melhor para a senhora, quando tudo ficar explicado, sem segredos... Não sei ficar calado, quando meu coração está falando. Bem, tanto faz... Acredita que nunca, nunca, nenhuma mulher? Nunca tive nenhum contato! E apenas sonho, todo dia, que afinal vou encontrar alguém. Ah, se a senhora soubesse quantas vezes me apaixonei dessa forma!...

— Mas como assim, por quem?

— Por ninguém, por um ideal, por aquela que me aparece em sonhos. Crio romances inteiros, em devaneios. Ah, a senhora não me conhece! Na verdade, conheci duas ou três mulheres, sem isso seria impossível, mas que mulheres eram elas? Eram todas umas donas

de casa, que... Mas vou fazer a senhora rir, vou contar que várias vezes pensei em entabular conversa, assim, sem nenhuma cerimônia, com alguma aristocrata que via na rua, quando estava sozinha, é claro; ia conversar de maneira tímida, naturalmente, respeitosa, apaixonada; ia dizer que estou agonizando de solidão, ia pedir que não me repelisse, dizer que não tenho meios de conhecer mulher nenhuma; ia até insinuar que é uma das obrigações da mulher não repelir o apelo tímido de um homem tão infeliz como eu. Que, afinal, tudo que exijo é apenas que me diga duas palavrinhas fraternais, solidárias, que não me rechace desde o primeiro passo, acredite em minhas palavras, escute o que vou dizer, que ria de mim, se for do seu agrado, que me dê esperanças, me diga duas palavras, e, depois, tanto faz que não nos vejamos nunca mais!... A senhora está rindo... Na verdade, é disso mesmo que estou falando...

— Não se irrite, estou rindo porque o senhor é seu próprio inimigo e, se o senhor tentasse, conseguiria, talvez, mesmo que fosse na rua; quanto mais simples, melhor... A menos que ela seja tola ou, especialmente, que esteja irritada com alguma coisa, naquele momento, nenhuma mulher bondosa seria capaz de despachar o senhor sem dizer essas duas palavras que o senhor suplica com tanta timidez... Na verdade, o que estou dizendo? Naturalmente, eu tomaria o senhor por um louco. Pois eu julgo por mim mesma. Sei muito bem como as pessoas vivem, neste mundo!

— Ah, agradeço muito à senhora — exclamei. — Nem imagina o que fez por mim, agora!

— Está bem, está bem! Mas me conte por que o senhor adivinhou que sou uma mulher com que... bem, que o senhor considerava digna... de atenção e amizade...

numa palavra, não era uma dona de casa, como o senhor disse. Por que o senhor decidiu se aproximar de mim?

— Por quê? Por quê? Mas a senhora estava sozinha, aquele cavalheiro era atrevido demais, e já é noite: a senhora mesma há de convir que era obrigação...

— Não, não, antes disso, lá, do outro lado. O senhor não queria se aproximar de mim?

— Lá, do outro lado? Mas eu, na verdade, não sei como responder; tenho medo... Sabe, hoje eu estava feliz; andei, cantei; estive nos arredores da cidade; nunca havia experimentado momentos tão felizes. A senhora... me pareceu, talvez... Bem, me desculpe por lembrar: me pareceu que a senhora estava chorando e eu... eu não aguentei ouvir aquilo... tive um aperto no coração... Ah, meu Deus! Bem, será que eu não podia ter pena da senhora? Será que é pecado sentir uma compaixão fraternal da senhora?... Desculpe, eu disse compaixão... Bem, sim, numa palavra, será que ofendo a senhora porque, assim, sem querer, me veio a ideia de me aproximar?...

— Pare, por favor, não fale mais... — disse a moça, baixando os olhos e apertando minha mão. — A culpa é minha, por ter falado disso; mas estou contente por não ter me enganado sobre o senhor... Olhe, já cheguei à minha casa; tenho de entrar aqui nesta travessa; daqui até lá, são só dois passos... Adeus, muito obrigada...

— Mas será possível, será possível que nunca mais nos veremos?... Será possível que vai acabar assim?

— Veja — disse a moça, rindo —, o senhor, no início, queria só duas palavras e agora... Mas, pensando bem, não vou dizer nada... Talvez nos encontremos...

— Virei aqui amanhã — respondi. — Ah, desculpe, já estou fazendo exigências...

— Sim, o senhor é impaciente... está quase exigindo...

— Escute, escute! — a interrompi. — Desculpe se vou lhe dizer outra vez algo assim... Mas é isto: não posso deixar de vir aqui amanhã. Sou um sonhador; tenho uma vida tão pouco movimentada que momentos assim como este, agora, considero tão raros que não posso deixar de repeti-los em meus devaneios. Vou sonhar com a senhora a noite inteira, a semana inteira, o ano inteiro. Virei aqui amanhã sem falta, exatamente aqui, neste mesmo lugar, a esta mesma hora, e ficarei feliz, lembrando o dia anterior. Este lugar já é precioso para mim. Já tenho dois ou três lugares assim, em Petersburgo. Uma vez, até comecei a chorar por causa de recordações, como a senhora... Quem sabe, talvez, a senhora também, dez minutos atrás, estivesse chorando por causa de recordações... Mas me desculpe, me descontrolei de novo; a senhora, talvez, um dia, tenha sido especialmente feliz, ali.

— Está bem — disse a mocinha. — Pode ser que eu venha aqui amanhã, às dez horas, também. Vejo que não posso impedir o senhor... Veja, a questão é que preciso vir aqui; não pense que estou marcando um encontro com o senhor; previno o senhor que tenho de vir aqui por uma razão particular. Mas, veja... bem, vou dizer para o senhor logo de uma vez: não será ruim se o senhor vier; primeiro, podem acontecer de novo coisas desagradáveis, como hoje, mas vamos deixar isso de lado... enfim, eu queria simplesmente ver o senhor... para lhe dizer duas palavras. Só que, veja, agora o senhor não vai me condenar? Não vai achar que estou aceitando um encontro com muita facilidade?... Eu bem que marcaria um encontro se... Mas isso vai ser o meu segredo! Antes de tudo, uma condição...

— Uma condição! Diga, fale, conte logo tudo; concordo com tudo, com todas as condições — gritei, exultante. —

Dou minha palavra, serei obediente, respeitoso... a senhora me conhece...

— Exatamente porque conheço o senhor, convido o senhor a vir amanhã — disse a mocinha, sorrindo. — Conheço o senhor perfeitamente. Mas, veja, venha com uma condição: primeiro (mas tenha a bondade de cumprir o que vou pedir, veja bem, estou falando com franqueza), não se apaixone por mim... Isso é impossível, garanto ao senhor. Para amizade, estou pronta, aqui está minha mão... Mas apaixonar-se é impossível, peço ao senhor!

— Prometo à senhora — exclamei, agarrando sua mãozinha...

— Chega, não prometa, sei muito bem que o senhor é capaz de se incendiar como pólvora. Não me condene por falar assim. Se o senhor soubesse... Também não tenho ninguém com quem possa conversar, a quem possa pedir um conselho. Claro, a rua não é lugar para procurar conselheiros, mas o senhor é uma exceção. Conheço o senhor como se fôssemos amigos há vinte anos... É verdade mesmo que o senhor não vai me trair?

— A senhora vai ver... só não sei como vou conseguir sobreviver mais um dia sequer.

— Durma bastante; boa noite... e lembre que já confiei no senhor. Mas agora há pouco o senhor exclamou de forma bonita: será que temos de prestar contas de qualquer sentimento, até de uma compaixão fraternal? Sabe, isso foi dito de forma tão bonita que, na mesma hora, me veio a ideia de confiar ao senhor...

— O quê, pelo amor de Deus? Confiar o quê?

— Até amanhã. Por enquanto, vamos deixar que isso fique em segredo. É melhor para o senhor; assim, de longe, vai parecer um romance. Talvez amanhã eu conte

para o senhor, talvez não... Antes, ainda vou conversar com o senhor, vamos nos conhecer melhor...

— Ah, sim, e amanhã vou lhe contar tudo sobre mim! Mas o que é isso? É como se um milagre estivesse acontecendo comigo... Onde estou, meu Deus? Bem, diga, será que a senhora está descontente por não ter se zangado, como faria outra mulher, por não ter me enxotado desde o início? Dois minutos e a senhora me fez feliz para sempre. Sim! Feliz; quem sabe, pode ser que a senhora tenha me reconciliado comigo mesmo, tenha solucionado minhas dúvidas... Talvez momentos assim me aconteçam... Muito bem, amanhã vou lhe contar tudo, a senhora vai saber tudo, tudo...

— Está certo, aceito; o senhor vai começar...

— Concordo.

— Até logo!

— Até logo!

E nos separamos. Fiquei andando a noite inteira; não conseguia me decidir a voltar para casa. Estava tão feliz... até amanhã!

---

\* Refere-se à China.

## Segunda noite

— Ora, aí está, sobreviveu! — disse ela, rindo e apertando minhas mãos.

— Já estou aqui há duas horas; a senhora não sabe o que aconteceu comigo o dia inteiro!

— Sei, sei... mas vamos ao que interessa. Sabe por que eu vim? Não foi para falar bobagens, como ontem. É o seguinte: daqui para a frente, precisamos nos comportar de modo mais sensato. Ontem, pensei muito sobre tudo isso.

— Ser mais sensato sobre o quê? De minha parte, estou pronto; mas, na verdade, nunca me aconteceu na vida nada mais sensato do que agora.

— É mesmo? Em primeiro lugar, peço ao senhor que não aperte tanto minhas mãos; em segundo lugar, aviso que, hoje, refleti por muito tempo sobre o senhor.

— E no final?

— No final? Cheguei à conclusão de que é preciso começar tudo de novo, porque, afinal de contas, hoje concluí que o senhor ainda é um completo desconhecido para mim e que ontem me comportei como uma criança, como uma menina, e, é claro, aconteceu que a culpa de tudo é do meu coração bondoso, ou seja, me dei muita importância, como sempre acaba acontecendo quando começamos a falar de nós mesmos. Por isso, a fim de corrigir o erro, decidi indagar sobre o senhor de modo mais minucioso. Porém, como não tinha a quem fazer perguntas a seu respeito, o senhor mesmo vai ter de me contar todos os pormenores. Muito bem, que tipo de

pessoa é o senhor? Vamos logo, comece, conte sua história.

— História! — exclamei, assustado. — História!! Mas quem foi que disse que tenho uma história? Não tenho história nenhuma...

— Mas como o senhor viveu, se não tem história? — interrompeu a moça, rindo.

— Absolutamente sem história nenhuma! Assim vivi, como dizemos, por mim mesmo, ou seja, totalmente sozinho... sozinho, sozinho por completo... a senhora entende o que é viver sozinho?

— Mas sozinho como? Será que o senhor nunca viu ninguém?

— Ah, não, ver eu vejo... mesmo assim, sou sozinho.

— Mas, então, o senhor não fala com ninguém?

— No sentido estrito da palavra, com ninguém.

— Mas, então, quem é o senhor? Explique! Espere, vou adivinhar: aposto que o senhor tem uma avó, como eu. Minha avó é cega e, durante toda a minha vida, não me deixou ir a lugar nenhum, então eu quase desaprendi totalmente como se conversa. E aí, há uns dois anos, fiz algumas travessuras e ela viu que não podia mais me segurar e então me chamou e, com um alfinete, prendeu meu vestido no vestido dela e assim, desde então, ficamos as duas sentadas juntas, o dia inteiro; ela tricota meias compridas, apesar de cega; enquanto eu fico sentada a seu lado, costuro ou leio um livro em voz alta para ela... é um costume estranho e agora já faz dois anos que fico presa pelo alfinete...

— Ah, meu Deus, que infelicidade! Mas, não, eu não tenho uma avó assim.

— Se não tem, como pode ficar em casa?

— Escute, a senhora quer saber como eu sou?

— Puxa, quero, quero!



- No sentido estrito da palavra?
- No sentido mais estrito da palavra!
- Desculpe, eu sou um tipo.

— Um tipo, um tipo! Mas que tipo? — gritou a mocinha, depois de dar uma gargalhada, como se estivesse há um ano inteiro sem rir. — É mesmo muito divertido falar com o senhor! Veja: aqui tem um banco; vamos sentar! Aqui, não passa ninguém, ninguém vai nos ouvir e... comece a contar sua história! Porque o senhor não me convence, o senhor tem uma história, sim, está só escondendo. Em primeiro lugar, o que é um tipo?

— Um tipo? Um tipo é um original, uma pessoa ridícula! — respondi, e dei, eu mesmo, uma gargalhada, seguindo os passos de seu riso infantil. — É um personagem. Escute: a senhora sabe o que é um sonhador?

— Um sonhador? Ora essa, como não vou saber? Eu mesma sou uma sonhadora! Às vezes, sentada ao lado da vovó, uma porção de coisas me vem à cabeça. Então, desando a sonhar, afundo em pensamentos e, pronto, lá vou eu casar com um príncipe chinês... Mas, de vez em quando, também é bom sonhar! Não, pensando bem, só Deus sabe! Sobretudo se a gente tem outras coisas em que pensar, além do sonho — acrescentou a mocinha, dessa vez bastante séria.

— Magnífico! Se a senhora já casou com um imperador chinês, então, com certeza, é capaz de me compreender perfeitamente. Pois bem, escute... Mas, desculpe: ainda não sei qual é seu nome.

— Finalmente! Demorou a lembrar!

— Ah, meu Deus! Não me passou pela cabeça, eu estava me sentindo tão bem...

— Meu nome é Nástienka.

— Nástienka! Só isso?

— Só! Para o senhor é pouco? Como o senhor é insaciável!

— Se é pouco? É muito, é muito, ao contrário, é demais, Nástienka, a senhora é uma mocinha muito bondosa, se desde o primeiro momento foi apenas Nástienka para mim!

— Isso mesmo! Muito bem!

— Pois bem, aqui está, Nástienka, escute só que história mais ridícula.

Sentei a seu lado, adotei uma pose pedante e séria e comecei, como se estivesse lendo:

— Existem, Nástienka, caso a senhora não saiba, existem em Petersburgo recantos bem estranhos. Nesses lugares, o sol que brilha para todos os habitantes de Petersburgo não parece ser o mesmo, parece um sol diferente, novo, como se estivesse reservado para esses recantos, e brilha com uma luz toda diversa, especial. Nesses recantos, querida Nástienka, leva-se uma vida que parece muito diferente, distinta daquela que ferve à nossa volta, uma vida que poderia existir num reino desconhecido e longínquo, mas não entre nós, em nosso tempo sério, seriíssimo. Pois aquela vida é uma mistura de algo puramente fantástico, apaixonadamente ideal e, ao mesmo tempo (que pena, Nástienka!), de algo turvamente prosaico e banal, para não dizer inacreditavelmente vulgar.

— Ai! Santo Deus! Que prólogo! Mas o que é isso que estou ouvindo?

— A senhora está ouvindo, Nástienka (parece-me que nunca vou me cansar de chamar a senhora de Nástienka), a senhora está ouvindo que, naqueles recantos, vivem pessoas estranhas: os sonhadores. O sonhador, caso seja necessária uma definição minuciosa para ele, não é uma pessoa, mas sim, sabe, uma espécie

de criatura do gênero neutro. Na maior parte do tempo, fica em algum canto inacessível, como se quisesse esconder-se até da luz do dia, e, caso se meta no seu reduto, adere a seu canto da mesma forma que um caracol ou, pelo menos, nesse aspecto, o sonhador se parece muito com aquele animal engraçado, que é animal e casa ao mesmo tempo e que chamam de tartaruga. Por que a senhora acha que ele adora tanto suas quatro paredes, infalivelmente pintadas de verde, encardidas de fuligem, tristonhas e imperdoavelmente impregnadas de fumaça de tabaco? Por que esse cavalheiro ridículo, quando acontece de receber a visita de um de seus raros conhecidos (e todos os seus conhecidos acabam sumindo), por que essa pessoa ridícula o recebe como se tivesse acabado de cometer um crime entre suas quatro paredes, como se tivesse fabricado dinheiro falso ou tivesse escrito uns versinhos para mandar a uma revista, com uma carta anônima, na qual se afirma que o poeta verdadeiro já morreu e um amigo julga ter o dever sagrado de publicar suas rimas capengas? Por que, me diga, Nástienka, a conversa desses dois interlocutores não engrena? Por que nem um gracejo nem qualquer tirada atrevida passam pela língua do amigo desconcertado, que entrou de repente e que, em outras circunstâncias, gosta muito de gracejos, de tiradas atrevidas, de conversas sobre o belo sexo e outros temas divertidos? Por que, enfim, esse amigo, que provavelmente é um conhecido recente e faz sua primeira visita, pois, nesse caso, já não haverá uma segunda visita e o amigo não virá uma segunda vez, por que esse mesmo amigo fica tão perplexo, tão paralisado, apesar de toda sua agudeza de espírito (caso ele a possua), ao olhar para o rosto conturbado do anfitrião, que, por seu lado, já conseguiu se desnortear por

completo e perder o que restava de bom senso, depois dos esforços gigantescos, mas inúteis, para aplainar e colorir a conversa, para mostrar também, por seu lado, conhecimento das coisas mundanas, para também começar a falar sobre o belo sexo e, nem que fosse apenas por meio dessa submissão, agradar o pobre homem que apareceu ali sem mais nem menos e que, sem dúvida por engano, foi lhe fazer uma visita? Por que, enfim, a visita de repente pega o chapéu e vai embora às pressas, ao lembrar de súbito um assunto de extrema importância, que, aliás, nunca existiu, e solta de qualquer jeito sua mão dos calorosos cumprimentos do anfitrião, que tenta, da maneira que pode, demonstrar seu arrependimento e recuperar o terreno perdido? Por que o amigo que vai embora dá uma gargalhada ao sair pela porta e, ainda ali, promete a si mesmo nunca mais ir à casa daquele excêntrico, embora esse excêntrico, no fundo, seja um excelente sujeito, e ao mesmo tempo não consegue de jeito nenhum negar à sua imaginação um pequeno capricho: comparar, ainda que de forma distante, a fisionomia de seu recente companheiro, durante todo o tempo do encontro, com o aspecto de um gatinho infeliz que as crianças maltratam, amedrontam e machucam de todas as formas, o aprisionam de modo desleal e depois o deixam em petição de miséria, um gatinho que, por fim, consegue se esconder das crianças embaixo de uma cadeira, no escuro, e ali é forçado a passar uma hora inteira em repouso, com pelos eriçados, bufando, limpando com as patas da frente seu focinho machucado e que, ainda por muito tempo depois disso, espia com ar hostil a natureza e a vida e até a raçãozinha que a governanta compadecida separou para ele, do almoço do patrão?

— Escute — interrompeu Nástienka, que o tempo todo me ouvia com espanto, a boca e os olhos abertos. — Escute: não sei de modo algum por que tudo isso aconteceu e por que justamente o senhor me propõe essas perguntas ridículas; mas o que sei com certeza é que todas essas aventuras, e isso é seguro, ocorreram com o senhor, palavra por palavra.

— Sem dúvida — respondi, com a expressão mais séria do mundo.

— Muito bem, se não há dúvida, então continue — respondeu Nástienka —, porque desejo muito saber como isso vai terminar.

— A senhora quer saber, Nástienka, o que nosso herói fazia em seu cantinho ou, melhor dizendo, eu, porque o herói, em todo caso, sou eu, minha modesta e própria pessoa; a senhora quer saber por que fiquei tão alvoroçado e perdi a cabeça o dia inteiro por causa da visita inesperada de um amigo? A senhora quer saber por que fiquei tão desconcertado, tão ruborizado, quando abriram a porta do meu quarto, por que eu não soube receber a visita e por que acabei tão vergonhosamente aniquilado sob o peso da própria hospitalidade?

— Puxa, sim, quero! — respondeu Nástienka. — Essa é que é a questão. Escute: o senhor conta de um jeito muito bonito, mas não seria possível contar de um jeito menos bonito? O senhor fala como se estivesse lendo num livro.

— Nástienka! — respondi com voz severa e imponente, mal conseguindo conter o riso. — Querida Nástienka, sei que conto de um jeito bonito, mas, desculpe, não sei contar de outro jeito. Agora, querida Nástienka, pareço o espírito do rei Salomão, que passou mil anos dentro de uma urna fechada com sete selos, da qual retiraram, afinal, todos esses sete selos. Agora, querida Nástienka,

quando nos unimos de novo após essa longa separação, porque eu já a conhecia desde muito tempo, Nástienka, porque já fazia muito que eu procurava alguém assim, e isso é um sinal de que eu estava procurando exatamente a senhora e que nosso destino era nos encontrarmos agora, e assim, agora, se abriram mil comportas em minha cabeça e tenho de me derramar num rio de palavras, senão vou sufocar. Portanto, peço que não me interrompa, Nástienka, e que escute com atenção e obediência; senão vou me calar.

— Nã-nã-não! De jeito nenhum! Fale! Agora, não vou mais dizer nenhuma palavra.

— Vou continuar: no meu dia, minha amiga Nástienka, existe uma hora que amo extraordinariamente. É a hora em que terminam quase todos os trabalhos, as obrigações e os compromissos e todo mundo se apressa para chegar em casa a fim de jantar, deitar e descansar, e ali mesmo, no caminho, vai inventando outros temas divertidos, que dizem respeito ao fim de tarde, à noite e a todo tempo livre que restar. Nessa hora, nosso herói também, porque, se você me permitir, Nástienka, vou contar tudo na terceira pessoa, pois na primeira pessoa tudo isso fica vergonhoso demais, portanto, eu dizia, nessa hora, também nosso herói, que tinha igualmente seu emprego, segue os passos dos outros. Mas um estranho sentimento de satisfação se movimenta em seu rosto pálido, que parece enrugado. Ele olha sem indiferença para o crepúsculo do fim da tarde que, lentamente, vai se apagando no céu frio de Petersburgo. Quando digo “olha”, estou mentindo: ele não olha, mas contempla de modo inconsciente, como se estivesse cansado ou ocupado, ao mesmo tempo, com algum outro assunto mais interessante, pois mal consegue conceder um olhar de relance, e quase sem querer, para tudo que

o rodeia. Ele está satisfeito, pois terminou um trabalho que acha maçante, está livre até o dia seguinte e contente como um aluno que foi dispensado da aula para desfrutar as brincadeiras e as travessuras prediletas. Observe discretamente, Nástienka: a senhora logo vai perceber que o sentimento alegre, por sorte, já afetou seus nervos fracos e sua fantasia morbidamente excitada. Lá está ele pensando em alguma coisa... A senhora acha que ele está pensando no almoço? Na noite de hoje? O que ele está olhando tanto? Será que é para aquele cavalheiro de aspecto respeitável que, de modo pitoresco, cumprimentou com uma reverência a dama que passou ligeira, por ele, numa carruagem esplendorosa, puxada por cavalos de pernas ágeis? Não, Nástienka: o que são para ele, agora, todas essas ninharias? Agora, ele já está rico com *sua própria* vida; de repente, de algum jeito, ficou rico e não foi à toa que, à sua frente, brilhou tão alegre um raio de despedida do sol que se põe e despertou um enxame de impressões em seu coração acalorado. Agora, ele mal repara na estrada onde, antes, a mais ínfima ninharia era capaz de impressioná-lo. Agora, a “deusa fantasia” (caso a senhora tenha lido Jokóvski,\* querida Nástienka) já teceu, com a mão caprichosa, sua malha de ouro e começou a elaborar, diante dele, desenhos nunca vistos, de uma vida imaginária e, quem sabe, talvez, com sua mão caprichosa, o levou, da excelente calçada de granito pela qual ele caminha de volta à sua casa, para o sétimo céu cristalino. Tente detê-lo, agora, pergunte para ele, de repente: onde ele está agora, por qual rua está andando? Com certeza, não reparou em nada, nem onde andou, nem onde se encontra, agora, e, vermelho de irritação, sem dúvida mentiria, diria qualquer coisa, só para manter as aparências. Aí está por que tremeu tanto e por

muito pouco não gritou e, de medo, olhou em redor, quando uma velha muito respeitável o deteve educadamente no meio da calçada e começou a lhe fazer perguntas sobre o caminho, pois havia se perdido. Franzindo as sobrancelhas de irritação, ele continuou a andar, quase sem perceber que mais de um transeunte sorria e olhava para ele, virando-se em sua direção, e que uma menina miudinha, que recuou assustada, abrindo caminho, deu uma risada bem alta, depois de ver, com olhos arregalados, o sorriso largo e contemplativo e os gestos das mãos de nosso herói. No entanto, toda essa mesma fantasia, em seu voo travesso, arrebatou a velha, os transeuntes curiosos, a menina risonha e os mujiquezinhos que ali mesmo jantavam em suas barcas, que atravancam o Fontanka (suponhamos que, nessa hora, nosso herói esteja passando por ali), trançou tudo e todos em sua malha, como moscas numa teia, e com essa nova aquisição o excêntrico entrou em sua toca aconchegante, sentou-se para jantar e, depois de comer, ainda passou muito tempo, e só quando a pensativa e eternamente deprimida Matriona, que o servia, já havia retirado tudo da mesa e lhe dera um cachimbo ele voltou à realidade e, com surpresa, lembrou que já havia acabado de jantar e olhou para um lado e para outro, tentando entender como aquilo havia ocorrido. Dentro do quarto, havia escurecido; ele tinha o espírito vazio e triste; todo um reino de sonhos ruiu à sua volta, ruiu sem deixar vestígios, sem rumor e sem estrondo, passou ligeiro como um devaneio e nem ele mesmo lembra o que sonhou. Porém uma espécie de sensação turva, que faz seu peito agitar-se e doer de leve, uma espécie de desejo novo provoca pruridos de tentação e perturba sua fantasia e, de modo imperceptível, atíça todo um enxame de fantasmas



novos. No quarto pequeno, reina o silêncio; a solidão e a preguiça mimam a imaginação; ela se inflama de leve, ferve de leve, como a água na cafeteira da velha Matriona, que trabalha impassível na cozinha ao lado, preparando seu café de cozinheira. Agora, a imaginação já explode em centelhas; agora, também um livro, apanhado a esmo e sem objetivo, cai das mãos de meu sonhador, que não chegou à terceira página. Sua imaginação novamente se põe de pé, se excitou, e de repente, de novo, um mundo novo, uma vida nova e fascinante brilha à sua frente, com sua perspectiva radiosa. Um sonho novo, uma felicidade nova! Uma dose nova do veneno refinado, voluptuoso! Ah, o que importa para ele a nossa vida real? Em sua visão corrompida, eu e a senhora, Nástienka, vivemos de modo ocioso, lento, apático; na visão dele, todos nós somos insatisfeitos com nosso destino, nos afligimos com nossa vida! Sim, de fato, veja, na verdade, que, à primeira vista, tudo entre nós é frio, triste, até irritante... “Coitados!”, pensa meu sonhador. E não admira que pense assim! Observe esses fantasmas mágicos que, de modo tão fascinante, caprichoso, vasto e ilimitado, se formam diante dele, num quadro tão mágico e inspirador, no qual, em primeiro plano, no primeiro rosto, naturalmente, figura ele próprio, o nosso sonhador, sua preciosa pessoa. Observe que aventuras diferentes, que enxame infinito de devaneios arrebatados. A senhora talvez pergunte: o que ele está sonhando? Para que perguntar isso? Ora, está sonhando tudo... o papel do poeta, de início não reconhecido e, depois, coroado; a amizade com Hoffmann; a noite de São Bartolomeu, Diana Vernon, um papel heroico na tomada de Kazan por Ivan, o Terrível, Clara Mowbray, Effie Deans, a catedral dos prelados e Hus diante deles, a insurreição dos mortos em “Robert”

(lembra a música? cheira a cemitério!), Minna e Brenda, a batalha de Berezinó, a leitura de um poema da condessa V... D..., Danton, Cleópatra *i suoi amanti*, uma casinha em Kolomna,\*\* seu cantinho, onde, a seu lado, uma criatura querida o escuta numa noite de inverno, com a boquinha e os olhinhos abertos, como a senhora me escuta agora, meu pequenino anjinho... Não, Nástienka, o que importa, o que importa para ele, o indolente voluptuoso, esta vida que nós tanto desejamos? Ele acha que esta é uma vida pobre e miserável, não adivinha que também para ele, talvez, um dia, vai chegar a hora triste em que ele daria todos os seus anos fantásticos em troca de um só dia dessa vida miserável, e não o faria por alegria nem por felicidade e, nessa hora de tristeza, arrependimento e desgosto irreprimível, ele nem se daria ao trabalho de escolher. Mas, enquanto não chega esse momento terrível, ele não deseja nada, porque ele está acima dos desejos, porque tem tudo, porque está saciado, porque ele mesmo é o artista de sua vida e a cria a cada hora com um novo capricho. E como esse mundo fantástico, de conto de fadas, se forma tão facilmente, com tanta naturalidade! Como se tudo isso fosse real e não uma quimera! Na verdade, às vezes, ele está disposto a crer que toda essa vida não é uma exaltação do sentimento, não é uma miragem, não é uma impostura da imaginação, mas sim a realidade de fato, autêntica, existente! Por que, me diga, Nástienka, por que, em tais momentos, falta o fôlego? Por que, por uma espécie de feitiço, por uma espécie de capricho desconhecido, o pulso acelera, as lágrimas brotam nos olhos do sonhador, suas faces pálidas e umedecidas ficam coradas e todo seu ser se enche de um consolo tão irresistível? Por que noites inteiras de insônia passam como se fossem um instante,

numa alegria e felicidade inesgotáveis, e quando a alvorada brilha com um raio cor-de-rosa na janela e a aurora ilumina o quarto soturno com sua luz fantástica e incerta, como acontece aqui, em Petersburgo, o nosso sonhador, cansado, exausto, se joga na cama e adormece nos enleios da emoção de seu espírito morbidamente abalado e com uma dor tão doce e lânguida no coração? Sim, Nástienka, a pessoa se engana e, mesmo contra a própria vontade, acredita que uma paixão verdadeira, autêntica, agita sua alma, acredita que existe algo vivo e palpável em seus devaneios rarefeitos. E que ilusão. Veja, por exemplo, o amor baixou no peito dele com toda a alegria inesgotável, com todos os tormentos penosos... Basta olhar para ele para a senhora se convencer! Ao olhar para ele, a senhora, querida Nástienka, acreditaria que, de fato, ele jamais conheceu aquela que ele tanto amou, em seus sonhos delirantes? Será possível que ele a tenha visto apenas em espectros sedutores e que tenha simplesmente sonhado com essa paixão? Será possível que, na realidade, eles não passaram de mãos dadas os muitos anos de suas vidas, sozinhos, os dois juntos, depois de se afastarem de todo o mundo, depois de unirem o mundo de cada um, a vida de cada um, à vida e ao mundo do outro? Será possível que não foi ela que, numa hora tardia, quando começou a se despedir, gemendo e suspirando, recostou-se no peito dele, sem ouvir a tempestade que se desencadeava no céu severo, sem ouvir o vento que arrancava e carregava as lágrimas de suas pestanas negras? Será possível que tudo isso tenha sido um sonho, esse jardim triste, abandonado e agreste, com trilhas cobertas de musgo, solitárias, desoladas, onde eles tantas vezes caminharam juntos, alimentaram esperanças, se afligiram, amaram, amaram

um ao outro por tanto tempo, “por tanto tempo e com tanta ternura”!\*\*\* E a casa estranha, dos ancestrais, onde ela morou tanto tempo, sozinha e triste, com o marido velho e soturno, eternamente calado e irritadiço, que assustava a ambos, tímidos como crianças, que, com aflição e temor, escondiam um do outro seu amor? Como eles se atormentavam, como temiam, como seu amor era inocente, puro e (nem é preciso dizer, Nástienka) como as pessoas eram maldosas! E, meu Deus, será possível que, depois, ele não a tenha encontrado mais, já longe das fronteiras de sua terra, debaixo de um céu estrangeiro, meridional, quente, na maravilhosa cidade eterna, no fulgor de um baile, ao som alto da música, num *palazzo* (tem de ser num *palazzo*), imerso num mar de luzes, naquela varanda revestida de mirtos e rosas, onde ela, ao reconhecê-lo, apressou-se a tirar sua máscara e sussurrou: “Estou livre”, tremeu, atirou-se no abraço dele e, com um grito de satisfação, apertando as mãos um do outro, num instante, os dois esqueceram o desgosto, a separação, todos os tormentos, a casa desolada, o velho, o jardim sombrio na distante terra natal, e o banco no qual, com um último beijo apaixonado, ela se desvencilhou dos braços dele, entorpecidos por suplícios desesperados... Ah, admita, Nástienka, que é o caso de voar para longe, ficar desconcertado e vermelho, como um menino, aluno da escola, que acabou de enfiar no bolso uma maçã roubada do pomar do vizinho, na hora em que um sujeito alto e saudável, alegre e brincalhão, seu amigo, abre a porta sem ter sido convidado e grita, como se não estivesse acontecendo nada: “Ah, irmão, acabei de chegar de Pávlovsk!”. Meu Deus! O velho conde morreu, está começando uma felicidade indescritível, e logo agora chega essa gente de Pávlovsk!

Calei-me de forma patética ao terminar minha gritaria patética. Lembro que tive uma vontade tremenda de forçar uma gargalhada, porque eu já sentia que, dentro de mim, se movimentava um demônio hostil, que minha garganta já começava a apertar, o queixo começava a sacudir e meus olhos ficavam cada vez mais molhados... Eu esperava que Nástienka, que estava me escutando, abrisse os olhinhos inteligentes, gargalhasse com todo seu riso infantil e incontrolavelmente alegre, eu já me arrependia de ter ido tão longe, de ter contado em vão aquilo que havia muito fervia dentro do meu coração, algo que eu podia contar como se estivesse lendo um livro, porque já fazia tempo que eu havia preparado a sentença contra mim mesmo e agora não ia me conter, não ia deixar de ler a sentença, confesso, sem ter esperança de que me compreendessem; mas, para minha surpresa, ela ficou em silêncio e, pouco depois, apertou de leve minha mão e, com uma simpatia tímida, perguntou:

— Será possível que o senhor tenha passado, de fato, toda sua vida assim?

— A vida toda, Nástienka — respondi. — A vida toda, e parece que também vou terminar assim!

— Não, não é possível — disse ela, inquieta. — Não pode ser; mas, quem sabe, também eu vou viver a vida toda desse jeito ao lado da vovó. Escute, o senhor sabe que não é nada bom viver assim?

— Sei, Nástienka, sei, sim! — gritei, sem conter mais meus sentimentos. — E agora sei mais do que nunca que desperdicei meus melhores anos! Agora sei disso e sinto mais dor com essa consciência, porque foi Deus mesmo que me mandou a senhora, meu anjo bom, para me dizer isso e para provar. Agora, sentado a seu lado, conversando com a senhora, já sinto medo de pensar no

futuro, porque no futuro será de novo a solidão, de novo essa vida sufocante, supérflua; e o que vou sonhar, quando, a seu lado, em vigília, fui tão feliz! Ah, bendita seja a senhora, querida mocinha, por não ter me enxotado desde o início, por ter permitido que eu diga que vivi pelo menos duas noites, em minha vida!

— Ah, não, não! — exclamou Nástienka, e lagrimzinhas brilharam em seus olhos. — Não, isso não vai mais acontecer; não vamos nos separar assim! O que são duas noites?

— Ah, Nástienka, Nástienka! Sabe que a senhora me reconciliou comigo mesmo por muito tempo? Sabe que agora não vou mais pensar tão mal de mim mesmo, como pensei em outros momentos? Sabe que talvez eu não vá mais me lamentar de ter cometido um crime e um pecado em minha vida, porque tal vida é um crime e um pecado? E não pense que estou exagerando, ao falar com a senhora, pelo amor de Deus, não pense isso, Nástienka, porque às vezes me vêm momentos de tanta melancolia, tanta melancolia... Porque, nesses momentos, já começa a me parecer que nunca serei capaz de começar a viver a vida autêntica; porque já me parecia que eu havia perdido todo tato, toda sensação de realidade, de presença; porque, enfim, eu mesmo me amaldiçoei; porque, depois de minhas noites fantásticas, já me ocorrem momentos de sobriedade, que são horríveis. Enquanto isso, ouvimos, em volta, a multidão que troveja e rodopia num redemoinho de vida, ouvimos e vemos como as pessoas vivem: elas vivem a vigília; e vemos que, para elas, a vida não está proibida, que a vida delas não se desvaneceu como um sonho, como uma miragem, que a vida delas se revigora eternamente, se rejuvenesce eternamente, e, nessa vida, nenhuma hora se parece com outra, ao passo que a fantasia é

medonha e monótona até a vulgaridade, é escrava da sombra, da ideia, escrava da primeira nuvem que, repentina, encobre o sol e comprime a realidade melancólica do coração de Petersburgo, que tanto aprecia seu sol... mas de que serve a fantasia, na melancolia? Sentimos que ela, enfim, se cansa, definha na eterna tensão, essa fantasia *inesgotável*, porque amadurecemos, superamos nossos ideais antigos: eles se desfazem em pó, em escombros; e se não existe outra vida, então é preciso construí-la a partir desses escombros. No entanto, é outra coisa que a alma pede e quer. E é em vão que o sonhador escava seus velhos sonhos, como que nas cinzas, nelas buscando pelo menos algum resto de brasa para soprar e reavivar a chama, para aquecer o coração enregelado e, nele, ressuscitar tudo que havia antes e que era tão querido, comovia o espírito, fervia o sangue, arrancava lágrimas dos olhos e seduzia com tanta volúpia! Sabe, Nástienka, a que ponto cheguei? Sabe que me vi compelido a comemorar o aniversário de minhas impressões, o aniversário do que existia antes e era tão querido, e que no fundo nunca existiu, porque esse aniversário é sempre celebrado em memória das mesmas fantasias tolas e rarefeitas, e faço isso porque também essas fantasias tolas não existem e porque, de algum jeito, elas têm de sobreviver: afinal, os sonhos também sobrevivem! Sabe que agora adoro recordar e visitar, em datas determinadas, os lugares onde fui feliz, um dia, à minha maneira, adoro construir minha realidade presente à luz do passado já irrecuperável e, muitas vezes, perambulo como uma sombra, sem necessidade e sem rumo, triste e desolado, pelas travessas e ruas de Petersburgo. Que recordações! Lembrar, por exemplo, que exatamente aqui, no ano passado, exatamente nesta época, nesta

mesma hora, nesta mesma calçada, eu vagava tão solitário, tão tristonho como agora! E lembro que, também naquela ocasião, meus sonhos eram tristes, embora antes tampouco fossem melhores, porém sentia que, de algum modo, viver parecia mais leve, mais tranquilo, que não havia esse pensamento negro que agora se prende a mim; que não havia esses remorsos da consciência, remorsos sombrios, deprimentes, que agora não me dão sossego, nem de dia nem de noite. E me pergunto: onde estão meus sonhos? E balanço a cabeça e digo: como os anos passam voando! E, de novo, me pergunto: O que você fez de seus anos de vida? Onde você enterrou seus melhores dias? Você viveu mesmo ou não? Veja, você diz para si mesmo, veja como o mundo ficou frio. Os anos continuam passando e, atrás deles, virá a solidão desoladora, virá a velhice vacilante, com seu cajado, e atrás deles, também, virá a angústia, a desolação. Seu mundo fantástico empalidece, seus sonhos desbotam, murcham, como folhas amareladas que caem das árvores... Ah, Nástienka! Será triste ficar sozinho, completamente sozinho, e até não ter do que se lamentar, nada, rigorosamente nada... porque tudo se perdeu, tudo era nada, um zero redondo e tolo, e não passou de um sonho!

— Ah, não me faça sentir tanta pena assim! — exclamou Nástienka, enxugando uma lagrimazinha que rolou de seus olhos. — Agora, acabou! Agora, vamos ficar juntos; agora, o que quer que aconteça comigo, nunca mais vamos nos separar. Escute. Sou uma moça simples, estudei pouco, embora minha avó tenha contratado um professor para mim; mas, na verdade, compreendo o senhor, porque eu mesma já passei por tudo que o senhor me contou agora, quando minha avó me prendia a seu vestido com um alfinete. Claro, eu não contaria tão



bem quanto o senhor, eu não estudei — acrescentou timidamente, porque continuava sentindo uma espécie de respeito por meu discurso patético e por meu estilo elevado. — Mas estou muito contente que o senhor tenha se aberto comigo. Agora, conheço o senhor completamente, sei tudo. E quer saber de uma coisa? Também quero contar para o senhor a minha história, com toda a franqueza, e depois o senhor vai me dar seu conselho. O senhor é muito inteligente; promete que vai me dar esse conselho?

— Ah, Nástienka — respondi. — Apesar de eu nunca ter sido um conselheiro, muito menos um conselheiro inteligente, agora vejo que, se vamos viver assim para sempre, será muito sensato que cada um de nós dê ao outro uma porção de conselhos inteligentes! Muito bem, minha bela Nástienka, que tipo de conselho a senhora quer? Diga-me sem rodeios; agora, me sinto tão alegre, feliz, corajoso e inteligente que tenho as palavras todas na ponta da língua.

— Não, não! — me interrompeu Nástienka, rindo. — Não preciso de um conselho inteligente, preciso de um conselho de coração, fraternal, como se o senhor tivesse me amado a vida toda!

— Vá em frente, Nástienka, vá em frente! — gritei de emoção. — E ainda que eu a tivesse amado por vinte anos, não a amaria com mais força do que agora!

— Dê aqui sua mão! — disse Nástienka.

— Tome! — respondi, lhe dando a mão.

— Portanto, vamos começar a minha história!

---

\* Vassíli Jokóvski (1783-1852), poeta russo.

\*\* *Hoffmann*: E. T. A. Hoffmann (1776-1822), poeta alemão romântico. *Noite de São Bartolomeu*: massacre de protestantes ocorrido em Paris, em 23 de agosto de 1572. *Diana Vernon*, *Clara Mowbray*, *Effie Deans* e *Minna e Brenda*: personagens de romances do escritor escocês Walter Scott (1771-

1832). *Hus*: Jan Hus (1372-1415), padre católico tcheco, precursor do movimento da reforma da Igreja. *Robert*: refere-se à ópera *Robert le Diable*, do compositor Giacomo Meyerbeer (1791-1864). *Berezinó*: batalha em que as forças de Napoleão enfrentaram as tropas do Império Russo, em 1812. *Uma casinha em Kolomna*: título de um poema do escritor russo A. S. Púchkin (1799-1837).

\*\*\* Verso de um poema do poeta russo Mikhail Liérmontov (1814-41).

## História de Nástienka

— Metade da história o senhor já conhece, ou seja, o senhor sabe que tenho uma avó velha...

— Se a outra metade for tão curta como essa... — tentei interromper, rindo.

— Fique calado e escute. Antes de tudo, uma condição: não me interrompa, senão posso me atrapalhar. Muito bem, escute com atenção. Tenho uma avó idosa. Ela cuidou de mim desde que eu era bem pequena, porque minha mãe e meu pai morreram. É preciso levar em conta que vovó foi rica, no passado, e por isso agora fica recordando os bons tempos. Ela me ensinou francês e depois contratou um professor para mim. Quando eu tinha quinze anos (agora estou com dezessete), parei de estudar. Nessa altura, fiz minhas travessuras; mas não vou contar o que fiz; basta dizer que não foi pouca coisa. Vovó simplesmente me chamou, um dia de manhã, e disse que, como era cega, não podia me vigiar, pegou um alfinete e prendeu meu vestido ao dela, e então disse que íamos passar a vida toda assim, juntas, se, é claro, eu não me emendasse. Em resumo, no início, era impossível me afastar: trabalhava, lia e estudava, tudo ao lado da vovó. Tentei um truque, certa vez, e convenci Fiokla a ficar sentada no meu lugar. Fiokla é a nossa empregada, ela é surda. Fiokla ficou no meu lugar; a vovó tinha pegado no sono, na poltrona, e eu fui à casa de uma amiga, pertinho. Só que isso terminou mal. Vovó acordou e perguntou alguma coisa, achando que eu continuava sentada em meu lugar, obediente. Fiokla

percebeu que vovó estava perguntando alguma coisa, mas não ouvia, e então ficou pensando e pensando o que fazer, abriu o alfinete e fugiu, assustada...

Nesse ponto, Nástienka parou e começou a rir. Comecei a rir junto com ela. Nástienka na mesma hora parou de rir.

— Escute, não ria da vovó. Eu posso rir, porque é engraçado... O que fazer, na verdade, se a avó é desse jeito? Só que, apesar de tudo, eu gosto um pouco dela. Então, dessa vez, ela me pegou: na mesma hora, voltei a ficar no meu lugar, a seu lado, e agora não podia nem me mexer. Bem, me esqueci de contar ao senhor que nossa casa, quer dizer, a casa da vovó, é uma casinha pequena, com três janelas ao todo, uma casa toda feita de madeira e tão velha quanto a vovó; em cima, tem um mezanino; e então um novo inquilino se mudou para o mezanino...

— Na certa, o inquilino também era velho, não é? — comentei, de passagem.

— Claro, era sim — respondeu Nástienka. — E sabia ficar calado melhor do que o senhor. Na verdade, mal conseguia mover a língua. Era um velhinho seco, mudo, cego, manco, e chegou a um ponto em que ele não podia mais viver neste mundo, e morreu; pouco depois, apareceu um novo inquilino, porque não podíamos viver sem um inquilino: a pensão da vovó era quase toda a nossa renda. Como se fosse de propósito, o novo inquilino era jovem, vinha de fora, e estava só de passagem. Como ele não pechinhou o preço do aluguel, vovó o deixou ficar, e depois me perguntou: “Nástienka, o nosso inquilino é jovem ou não é?”. Eu não quis mentir: “Mais ou menos, vovó, não é muito jovem nem é velho”. “Bem, e tem uma aparência agradável?”, perguntou a vovó.

“De novo, eu não quis mentir. ‘Tem a aparência agradável, sim, vovó!’. E a vovó disse: ‘Ah! Que castigo, que castigo! Minha neta, previno que você não deve ficar olhando para ele. Que tempos são estes! Um inquilino moço desses e ainda por cima de aparência agradável; nos velhos tempos, não era assim!’.

“Para a vovó, tudo tinha de ser como antigamente! E antigamente ela era mais jovem e antigamente o sol era mais quente e antigamente o leite não azedava tão depressa! E lá fiquei eu, sentada, calada, mas pensava assim: como é que a própria vovó me fez pensar nessas coisas, perguntando se o inquilino é bonito, jovem? Mas fiquei só assim, pensando, e logo recomecei a contar os pontos de tricô, a tricotar meias, e acabei esquecendo tudo.

“Então, certa manhã, o inquilino veio falar conosco, lembrou que tínhamos prometido colar um papel de parede em seu quarto. Palavra vai, palavra vem, e a vovó, que já gostava de conversar, disse: ‘Nástienka, vá ao meu quarto e traga o ábaco’. Na mesma hora, levantei de um pulo, toda vermelha, sem saber por quê, e esqueci que estava sentada com a saia presa pelo alfinete; não havia como tirar o alfinete discretamente, sem que o inquilino percebesse, então dei um puxão tão forte que a poltrona da vovó saiu do lugar. Quando vi que o inquilino, agora, sabia tudo a meu respeito, fiquei vermelha, parada, como se os pés estivessem pregados no chão, e de repente desatei a chorar... naquele instante, me deu tanta vergonha e tanta amargura que minha vontade era sumir do mundo! Vovó gritou: ‘Por que está parada?’. Então, fiquei ainda pior... O inquilino, quando viu quanta vergonha eu estava sentindo, fez uma reverência e se retirou!

“A partir daí, a qualquer barulho que ouvia na entrada, parecia que eu ia morrer. Pronto, pensava, o inquilino está chegando, e eu, bem de leve, por via das dúvidas, abria o alfinete. Só que nunca era ele, o inquilino não chegava. Passaram duas semanas; o inquilino mandou Fiokla avisar que ele tinha muitos livros franceses, que eram todos bons livros e que valia a pena ler; será que vovó não gostaria que eu lesse para ela, para ajudar a passar o tempo? Vovó aceitou com gratidão, só que não parava de perguntar se os livros eram decentes, porque, se forem livros indecentes, você, Nástienka, não pode ler de jeito nenhum, vai aprender coisas ruins.

“— E o que é que vou aprender, vovó?

“— Ah! — disse a vovó. — Nos livros, está escrito como os jovens seduzem moças obedientes, como eles, sob o pretexto de que querem casar com elas, tiram as moças da casa paterna e depois abandonam essas moças infelizes, que ficam entregues à própria sorte e acabam morrendo da maneira mais deplorável. Eu — disse a vovó — já li muitos livros assim e todos são tão bem escritos que a gente fica acordada a noite inteira, lendo em silêncio. Portanto, Nástienka — disse ela —, tome cuidado, não os leia. Mas que tipo de livros ele mandou?

“— São todos romances de Walter Scott, vovó.

“— Romances de Walter Scott! Mas, espere, será que não há algum truque? Veja se ele não colocou algum bilhete de amor enfiado entre as páginas.

“— Não, vovó, não há nenhum bilhete.

“— Então dê uma espiada por baixo da capa; às vezes, eles enfiam na capa, os bandidos!

“— Não, vovó, não há nada embaixo da capa, também.

“— Ora, então está bem!

“E assim começamos a ler Walter Scott e, depois de mais ou menos um mês, tínhamos lido quase a metade.

Em seguida, ele mandou mais livros. Mandou Púchkin e acabou que eu já não conseguia mais suportar viver sem livros e parei de pensar que ia casar com o imperador da China.

“Um dia, aconteceu de eu me encontrar com nosso inquilino na escada. Vovó tinha me chamado, por alguma razão. Ele parou, eu fiquei vermelha, ele também ficou vermelho; no entanto, começou a rir, me cumprimentou, perguntou sobre a saúde da vovó e disse: ‘Então, leu os livros?’. Respondi: ‘Li’. ‘E de qual a senhora gostou mais?’. Respondi: ‘*Ivanhoé* e Púchkin foram os de que mais gostei’. Dessa vez, terminou assim.

“Uma semana depois, me encontrei com ele de novo na escada. Dessa vez, vovó não tinha me chamado, eu mesma precisei fazer alguma coisa. Passava de duas horas e o inquilino, nesse horário, ficava em casa. ‘Boa tarde!’, disse. E eu: ‘Boa tarde!’.

“— Será que a senhora não fica entediada de passar o dia inteiro ao lado da sua avó?

“Quando perguntou isso, não sei por quê, fiquei toda vermelha, envergonhada, e de novo me senti ofendida, obviamente porque outras pessoas começavam a me fazer perguntas sobre aquela situação. Tive vontade de não responder e ir embora, mas não tive forças.

“— Escute, a senhora é uma boa moça! Desculpe falar com a senhora dessa maneira, mas lhe asseguro que eu quero seu bem, mais do que sua avó. A senhora não tem amigas que possa visitar?

“Respondi que não tinha nenhuma amiga, que na verdade tinha uma, sim, Máchenka, mas ela se mudou para Pskov.

“— Escute, não quer ir ao teatro comigo?

“— Ao teatro? Mas e a vovó?

“— A vovó não precisa saber...

“— Não, eu não quero enganar a vovó. Adeus!

“— Está bem, adeus — disse ele e não disse mais nada.

“Só que, depois do jantar, ele veio nos visitar; sentou-se, conversou com a vovó por muito tempo, perguntou se ela saía de casa, se ia a algum lugar, se tinha conhecidos, e de repente disse: ‘Hoje, comprei um camarote para a ópera; estão apresentando *O barbeiro de Sevilha*, uns conhecidos queriam ir comigo, mas desistiram e fiquei com lugares sobrando’.

“— *O barbeiro de Sevilha* — exclamou vovó. — Mas é o mesmo *Barbeiro* que montavam antigamente?

“— Sim, é o mesmo *Barbeiro* — respondeu o inquilino, e olhou para mim. E logo entendi tudo, fiquei vermelha e meu coração pulou de ansiedade!

“— Claro, como eu não ia lembrar? — disse a vovó. — Eu mesma fiz o papel de Rosina, num teatro amador, no passado!

“— Então, a senhora não gostaria de ir hoje? — perguntou o inquilino. — Senão os ingressos vão ser desperdiçados.

“— Sim, podemos ir — disse a vovó. — Por que não ir? Além do mais, nunca levei Nástienka ao teatro.

“Meu Deus, que alegria! Fomos logo nos arrumar, nos vestimos e saímos. Apesar de cega, vovó queria ouvir a música, além do mais, é uma velhinha bondosa: queria, sobretudo, que eu me distraísse um pouco, pois nunca poderíamos ir ao teatro sozinhas. Que impressão deixou em mim o *Barbeiro de Sevilha*, não vou nem lhe dizer, só digo que, durante toda a noite, o inquilino olhava para mim de um jeito tão bonito, falava tão bonito, que logo vi que, naquela manhã, ele quis me pôr à prova, quando me convidou para ir com ele sozinha. Puxa, que alegria! Fui dormir tão orgulhosa, tão alegre, o coração batia



tanto que tive até um pouco de febre e sonhei a noite inteira com o *Barbeiro de Sevilha*.

“Achei que, depois disso, ele viria nos ver cada vez mais... não foi assim. Ele quase parou de nos visitar. Vinha mais ou menos uma vez por mês, no máximo, e só para nos convidar a ir ao teatro. Fomos mais duas ou três vezes. Só que, agora, não fiquei nada satisfeita. Vi que ele tinha só pena de mim, por ficar tão tolhida na casa da vovó, e que não havia nada além disso. Com o tempo, fui ficando mais e mais inquieta: não conseguia ficar parada, não conseguia ler, não conseguia trabalhar, às vezes ria e fazia alguma maldade com a vovó, outras vezes apenas começava a chorar. Por fim, emagreci e por pouco não fiquei doente. A temporada da ópera passou e o inquilino parou por completo de nos visitar; quando nos encontrávamos, sempre na mesma escada, é claro, ele me cumprimentava calado, com uma inclinação da cabeça, tão sério, parecia que não queria falar, e enquanto ele descia até chegar ao alpendre, eu continuava parada na metade da escada, vermelha como uma cereja, porque todo meu sangue logo subia para a cabeça quando me encontrava com ele.

“Agora, já vai chegar o final. Exatamente há um ano, no mês de maio, o inquilino veio nos visitar e disse para a vovó que havia concluído todos os seus assuntos aqui e precisava passar um ano em Moscou. Quando ouvi aquilo, fiquei pálida e tombei na cadeira, como morta. Vovó não percebeu nada, e ele, depois de anunciar que ia embora de nossa casa, despediu-se com uma reverência e saiu.

“O que eu ia fazer? Pensei, pensei, me afligi muito e, no final, tomei uma decisão. Ele ia embora no dia seguinte e resolvi que eu ia terminar tudo naquela noite, depois que a vovó fosse dormir. Assim aconteceu. Enfiei numa

trouxa todos os vestidos, as roupas de baixo necessárias, e, com a trouxa nas mãos, mais morta que viva, subi ao mezanino onde morava nosso inquilino. Acho que fiquei uma hora inteira na escada. Quando abri a porta do quarto, ele deu um grito ao me ver. Achou que eu era um fantasma e correu para me dar água, porque eu mal conseguia me aguentar de pé. O coração batia tão forte que a cabeça doía e minha mente ficou turva. Quando dei por mim, a primeira coisa que fiz foi colocar a trouxa em cima da cama dele, sentei ao lado, cobri o rosto com as mãos e desatei a chorar rios de lágrimas. Ele pareceu compreender tudo na mesma hora e ficou parado na minha frente, pálido, e olhava para mim com um ar tão triste que meu coração parecia rasgar-se.

“— Escute — começou —, escute, Nástienka. Não posso fazer nada, sou um homem pobre; por enquanto, não tenho nada, nem sequer um emprego decente; como iremos viver, se me casar com a senhora?

“Conversamos por muito tempo, acabei chegando ao delírio, disse que não podia mais viver com a vovó, que ia fugir daquela casa, que não queria ficar presa num alfinete e que, se ele quisesse, eu iria embora com ele para Moscou, porque não conseguia mais viver sem ele. E o orgulho, a vergonha, o amor, tudo falava ao mesmo tempo dentro de mim, e, quase em convulsões, tombei sobre a cama. Tinha tanto medo de que ele me rejeitasse!

“Pouco depois, ele sentou e ficou calado, em seguida se levantou, aproximou-se de mim e pegou minha mão.

“— Escute, minha bondosa, minha querida Nástienka! — começou, também entre lágrimas. — Escute. Juro que, se algum dia eu estiver em condições de casar, será só com a senhora que encontrarei a felicidade; asseguro que agora só há uma pessoa capaz de me trazer

felicidade. Escute: irei para Moscou e ficarei lá exatamente um ano. Espero pôr meus assuntos em ordem. Quando voltar, se a senhora não tiver deixado de me amar, juro que seremos felizes. Agora é impossível, não posso, não tenho nem mesmo o direito de prometer nada. Mas, repito, se daqui a um ano isso não acontecer, em algum outro momento há de se realizar, a todo custo; a menos, é claro, que a senhora prefira um outro, porque não posso e não me atrevo a prender a senhora a qualquer juramento.

“Foi o que ele me disse e, no dia seguinte, foi embora. Combinamos de não dizer à vovó nem uma palavra sobre aquilo. Assim ele quis. Pois bem, agora minha história está quase terminada. Passou exatamente um ano. Ele chegou, está aqui há três dias inteiros e...”

— E o quê? — gritei, impaciente para ouvir o final.

— Até agora, não apareceu! — respondeu Nástienka, como se reunisse as últimas forças. — Não deu sinal de vida...

Nesse ponto, ela parou, ficou em silêncio por um breve tempo, baixou a cabeça e, de repente, cobrindo o rosto com as mãos, desatou a soluçar de tal modo que meu coração se revirou todo, com aqueles soluços.

Eu não esperava, de maneira nenhuma, um desfecho como aquele.

— Nástienka! — comecei com voz tímida e insinuante. — Nástienka! Pelo amor de Deus, não chore! Porque, você sabe, pode ser que ele ainda não...

— Está aqui, aqui! — emendou Nástienka. — Ele está aqui e eu sei disso. Combinamos tudo naquela mesma noite, na véspera da sua partida: quando conversamos tudo aquilo que contei para o senhor, deixamos tudo combinado, saímos para passear aqui, exatamente na beira deste canal. Eram dez horas; sentamos neste

banco; eu já não estava mais chorando, achava doce ficar ouvindo o que ele dizia... Contou que, assim que chegasse, viria nos visitar e, se eu não tivesse desistido dele, contaríamos tudo para a vovó. Agora ele chegou, eu sei disso, e não apareceu!

E, de novo, se desmanchou em lágrimas.

— Meu Deus! Será que é impossível remediar esse sofrimento? — gritei, levantei do banco bruscamente, em total desespero. — Diga, Nástienka, será que não posso ir falar com ele?

— Será que é possível? — disse ela, e ergueu a cabeça, de repente.

— Não, claro que não! — emendei, me recobrando a tempo. — Veja: a senhora podia escrever uma carta.

— Não, é impossível, não pode ser! — respondeu, decidida, mas já estava de cabeça baixa e sem olhar para mim.

— Impossível como? Por que não pode? — prossegui, me agarrando a essa ideia. — Mas, sabe, Nástienka, há vários tipos de carta! Uma carta é diferente da outra e... Ah, Nástienka, é isso mesmo! Confie em mim, confie! Eu não ia lhe dar um conselho ruim. Tudo isso pode ser arranjado! Foi a senhora que deu o primeiro passo, por isso, agora...

— Impossível, impossível! Assim, ia parecer que estou me oferecendo...

— Ah, minha boa Nástienka! — interrompi, sem esconder o sorriso. — Não, nada disso; a senhora, afinal, tem o direito, pois ele prometeu. E, por tudo que percebi, é um homem sensível, se comportou bem — continuei, cada vez mais entusiasmado com a lógica de meus próprios argumentos e opiniões. — Como foi que ele se comportou? Ele se comprometeu com uma promessa. Disse que, se casasse algum dia, não casaria com outra,

senão com a senhora; e deixou a senhora completamente livre para recusá-lo a qualquer momento... Nesse caso, a senhora pode dar o primeiro passo, tem o direito, a senhora tem precedência em relação a ele, ainda que seja apenas para libertá-lo da promessa feita...

— Mas, escute, como é que o senhor escreveria?

— O quê?

— Ora, essa carta.

— Aqui está como eu escreveria: “Prezado senhor...”.

— Será que isso é tão necessário: prezado senhor?

— Absolutamente necessário! Pensando bem, para quê?

Acho...

— Certo! Certo! Vamos em frente!

— “Prezado senhor! Desculpe se eu...” Não, pensando bem, não é preciso pedir desculpas por nada! Os próprios fatos justificam tudo, escreva apenas: “Estou escrevendo para o senhor. Perdoe minha impaciência; mas passei um ano inteiro feliz com a esperança; será culpa minha se, agora, não consigo suportar nem um dia de incerteza? Agora que o senhor já chegou, talvez tenha mudado de intenção. Então, esta carta dirá ao senhor que não vou me queixar nem vou condenar o senhor. Não vou culpar o senhor, se eu não sou a dona do seu coração; esse é o meu destino! O senhor é um homem nobre. Não vai rir nem se aborrecer com meus ataques de impaciência. Lembre que é uma pobre moça quem está escrevendo, que ela é solitária, não tem quem a ensine ou quem lhe dê conselhos e que ela nunca soube dominar seu coração. Mas me perdoe se, em minha alma, mesmo que só por um instante, tenha se infiltrado a dúvida. O senhor é incapaz, mesmo em pensamento, de ofender aquela que o amou e o ama”.

— Sim, sim! Foi exatamente isso que eu pensei! — gritou Nástienka, e a alegria rebrilhou em seus olhos. — Ah! O senhor solucionou minha dúvida, foi Deus que me mandou o senhor! Obrigada, muito obrigada!

— Por quê? Porque foi Deus que me enviou? — respondi, olhando com emoção para seu rosto alegre.

— Sim, por isso também.

— Ah, Nástienka! Às vezes, agradecemos aos outros só porque vivem conosco. Eu agradeço à senhora por ter se encontrado comigo e porque vou me lembrar da senhora durante toda minha vida!

— Está bem, mas chega, chega! Agora, é o seguinte, escute bem: eu e ele combinamos uma coisa, que assim que ele chegasse, me avisaria por meio de uma carta que ia deixar num determinado lugar, na casa de uns conhecidos, pessoas bondosas e simples que não sabem nada sobre essa história; ou que, se não fosse possível mandar uma carta para mim, pois nem sempre se pode contar tudo numa carta, no mesmo dia que ele chegasse viria exatamente às dez horas para cá, onde eu e ele combinamos nos encontrar. Que ele chegou, eu já sei; só que já se passaram três dias e não recebi carta nenhuma nem ele apareceu. Não tenho como escapar da vovó pela manhã. O senhor entregue a minha carta amanhã na casa das pessoas bondosas de que lhe falei: elas vão encaminhar a carta para ele; se houver alguma resposta, o senhor mesmo vai me trazer, às dez horas da noite.

— Mas e a carta, a carta? Pois, antes de tudo, é preciso escrever a carta! Então, talvez depois de amanhã tudo esteja resolvido.

— A carta... — respondeu Nástienka, um pouco embaraçada. — A carta... mas...

No entanto, não terminou de falar. Primeiro, desviou de mim seu rostinho, ficou vermelha, como que rosada, e de

repente senti uma carta em minha mão, pelo visto já escrita havia muito tempo, pronta e selada. Que recordação familiar, querida e graciosa passou de relance por meu pensamento!

— R, o: Ro; s, i: si; n, a: na — falei.

— Rosina!\* — cantamos os dois juntos, por muito pouco não a abracei de emoção, ela ficou vermelha até não poder mais e ria entre lágrimas, que tremiam como pérolas em suas pestanas negras.

— Bem, chega, chega! Agora, adeus! — disse ela, falando depressa. — Aí está a carta, aí está o endereço onde deve deixá-la. Adeus! Até a vista! Até amanhã!

Ela apertou minhas mãos com força, inclinou a cabeça num cumprimento e, como uma flecha, disparou para dentro de sua travessa. Por muito tempo, fiquei parado no mesmo lugar, acompanhando Nástienka com os olhos. “Até amanhã! Até amanhã!”, disse em pensamento, quando ela desapareceu.

---

\* Refere-se a uma cena do segundo ato da ópera *O barbeiro de Sevilha*, de Rossini, em que Fígaro aconselha Rosina a escrever uma carta para seu namorado e ela lhe entrega uma carta que já estava pronta.

## Terceira noite

Hoje fez um dia triste, chuvoso, sem claridade, como minha futura velhice. Pensamentos tão estranhos me oprimem, sensações tão sombrias, questões para mim ainda tão obscuras se acumulam em minha cabeça — e por alguma razão não tenho nem força nem vontade de solucioná-las. Não serei eu quem vai resolver tudo isso!

Hoje, não nos veremos. Ontem, quando nos despedimos, nuvens começavam a toldar o céu e subia uma neblina. Eu disse: amanhã, o dia vai ser feio; ela nada respondeu, não queria me contradizer; para ela, o dia seria claro e luminoso e nenhuma nuvenzinha encobriria sua felicidade.

— Se chover, não vamos nos encontrar! — disse ela. — Eu não virei.

Achei que ela não ia perceber a chuva de hoje, no entanto, ela não veio.

Ontem foi nosso terceiro encontro, nossa terceira noite branca...

Contudo, como a alegria e a felicidade tornam as pessoas belas! Como o amor faz o coração ferver! Parece que queremos derramar todo o nosso coração no coração do outro, queremos que tudo seja alegre, que tudo seja risonho. E como essa alegria é contagiosa! Ontem, nas palavras dela, havia tanta ternura, tanta bondade por mim, no coração... Quanto cuidado ela teve comigo, como se mostrou carinhosa, como trouxe ânimo e consolo para meu coração! Ah, como estava sedutora de



tanta felicidade! E eu... tomei tudo isso como se fosse de verdade; achei que ela...

Mas, meu Deus, como pude pensar isso? Como pude ser tão cego, quando tudo já estava tomado por outro, tudo não era meu; quando, enfim, até a ternura dela, sua preocupação, seu amor... sim, seu amor por mim não era outra coisa senão alegria com o encontro que teria, em breve, com outro, o desejo de comunicar sua felicidade também a mim?... Quando ele não veio, quando nossa espera foi em vão, ela contraiu as sobrancelhas, seu rosto se fechou, ela se mostrou tímida e receosa. Todos os seus gestos, suas palavras já não eram mais tão leves, jocosas, alegres. E, por estranho que pareça, ela redobrava sua atenção comigo, como se quisesse, instintivamente, me transmitir aquilo que ela mesma desejava para si e que tanto temia que não se realizasse. Minha Nástienka tinha tanto medo, estava tão assustada que pareceu entender, afinal, que eu a amo, e teve pena do meu pobre amor. Quando estamos infelizes, sentimos com mais força a infelicidade dos outros, o sentimento não se dispersa, ele se concentra...

Fui a seu encontro com o coração transbordante e mal pude esperar a hora de vê-la. Eu nem pressentia o que ia sentir, nem pressentia como tudo aquilo ia terminar. Ela estava radiante de felicidade, esperava a resposta. A resposta era ele mesmo. Ele devia vir, correr em resposta a seu chamado. Nástienka chegou uma hora antes de mim. No início, não parava de rir, a cada palavra minha ela ria. Estive à beira de falar, mas me calei.

— Quer saber por que estou tão contente? — perguntou ela. — Por que estou tão contente de ver o senhor? Por que amo tanto o senhor, hoje?

— Por quê? — perguntei, e meu coração começou a tremer.

— Eu amo o senhor, porque não se apaixonou por mim. Pois outro, em seu lugar, começaria a me importunar, me aborrecer, iria se lamuriar, se fazer de doente, e o senhor é tão gentil!

Nesse ponto, ela apertou minha mão com tanta força que quase dei um grito. Ela desatou a rir.

— Meu Deus! Como o senhor é amigo! — começou, um minuto depois, muito séria. — Foi Deus que me mandou o senhor! Bem, o que seria de mim, se agora o senhor não estivesse a meu lado? Como o senhor é desinteressado! Como o senhor me quer bem! Quando eu casar, vamos ser muito amigos, mais do que irmãos. Vou amar o senhor quase tanto quanto a ele...

Nesse momento, me veio uma tristeza horrível; no entanto, algo semelhante a uma risada começou a se remexer dentro da minha alma.

— A senhora está muito agitada — disse eu. — Está receosa; acha que ele não vai vir.

— Que Deus proteja o senhor! — respondeu ela. — Se eu não estivesse tão feliz, acho que ia chorar por causa da sua incredulidade, das suas censuras. Na verdade, o senhor me inspirou uma ideia e me deu muito em que pensar; mas vou deixar para pensar mais tarde; agora, vou confessar ao senhor que está dizendo a verdade! Sim! Estou um pouco fora de mim; de certo modo, estou toda em suspenso, na expectativa, e sinto tudo de forma muito leve. Mas chega, vamos deixar os sentimentos de lado...

Nesse momento, soaram passos e, no escuro, surgiu um pedestre que caminhava em nossa direção. Os dois começamos a tremer; por muito pouco ela não deu um grito. Soltei sua mão e fiz um movimento como se quisesse me afastar. Mas nos enganamos: não era ele.

— Do que o senhor tem medo? Por que soltou minha mão? — perguntou ela, me dando de novo a mão. — Então, o que é? Vamos encontrá-lo juntos. Quero que ele veja como nos amamos.

— Como nos amamos! — gritei.

“Ah, Nástienka, Nástienka!”, pensei. “Quanta coisa você disse com essas palavras! Com um amor assim, Nástienka, o coração às vezes esfria e se torna um peso na alma. Sua mão está fria, a minha está quente como fogo. Como você é cega, Nástienka!... Ah! Como, às vezes, é insuportável ser um homem feliz! Mas não sou capaz de me zangar com você!”

Por fim, meu coração transbordou.

— Escute, Nástienka! — comecei a gritar. — Será que a senhora sabe o que se passou comigo, o dia inteiro?

— Mas o que foi? Conte logo! Por que não disse nada até agora?

— Em primeiro lugar, Nástienka, fiz tudo o que a senhora me pediu, entreguei a carta, estive na casa das pessoas bondosas que a senhora conhece... depois fui para casa, deitei e dormi.

— Só isso? — interrompeu, rindo.

— Sim, quase só isso — respondi, contendo o coração, porque, em meus olhos, já se formavam lágrimas tolas. — Dormi até uma hora antes de nosso encontro, mas era como se não estivesse dormindo. Não sei o que houve comigo. Eu vinha andando para contar tudo isso à senhora e era como se o tempo, para mim, tivesse parado, como se, daquele tempo, só tivesse restado uma sensação, só um sentimento, para sempre, como se um único minuto tivesse de se prolongar por toda a eternidade, e parecia que, para mim, a vida toda havia parado... Quando acordei, tive a impressão de que uma melodia, que conheço há muito tempo, que ouvi não sei

onde, esquecida e doce, me voltava à memória. Tive a impressão de que ela passou a vida toda tentando sair de minha alma e que só agora...

— Ah, meu Deus, meu Deus! — interrompeu Nástienka.  
— O que é tudo isso, afinal? Não estou entendendo nada.

— Ah, Nástienka! Tive vontade de transmitir à senhora essa impressão estranha... — comecei, com voz de lamento, em que ainda se ocultava a esperança, embora muito remota.

— Chega, pare, chega! — disse ela, e, num instante, a malandrinha adivinhou.

De repente, ela se tornou extraordinariamente falante, alegre, travessa. Deu-me o braço, riu, queria que eu risse também, e cada palavra embaraçada que eu dizia provocava em Nástienka um riso tão sonoro, tão prolongado... Comecei a me aborrecer, e, de repente, ela parou de bancar a sedutora.

— Escute — comecei. — Na verdade, me deixa um pouquinho chateada o fato de o senhor não ter se apaixonado por mim. Desse jeito, quem é que vai entender as pessoas? Mesmo assim, o senhor, um cavalheiro inflexível, não pode me dar os parabéns por eu ser tão simples. Digo tudo para o senhor, falo tudo, qualquer bobagem que passe pela minha cabeça.

— Escute! São onze horas, não são? — perguntei quando começou a repicar o som ritmado do sino no distante campanário da cidade. De repente, ela ficou imóvel, parou de rir e se pôs a contar.

— Sim, onze — disse ela, afinal, com voz tímida, hesitante.

Na mesma hora, me arrependi de ter assustado Nástienka, de obrigá-la a contar as badaladas, e roguei pragas contra mim mesmo por causa daquele acesso de maldade. Fiquei triste por ela e não sabia como expiar

meu pecado. Comecei a confortá-la, a buscar motivos para a ausência dele, forneci várias justificativas, provas. Naquele momento, ela era a pessoa mais fácil de ser enganada e qualquer um, naquela situação, escuta com alegria um consolo qualquer e se contenta com uma simples sombra de justificativa.

— Ora, mas isso é ridículo — comecei, cada vez mais entusiasmado e encantado com a clareza extraordinária de meus argumentos. — Ele não poderia mesmo vir. A senhora me enganou e me cativou a tal ponto, Nástienka, que até perdi a conta do tempo... Pare para pensar um pouco: ele mal teve tempo de receber a carta; vamos supor que não pôde vir, vamos supor que ele vai responder, e assim a carta só vai chegar mesmo amanhã. Irei falar com ele amanhã, assim que o dia nascer, e vou explicar para ele. Suponha, afinal de contas, há mil possibilidades: talvez ele não estivesse em casa quando a carta chegou e, quem sabe, pode não ter lido até agora, não é? Afinal, tudo pode acontecer.

— Sim, sim! — respondeu Nástienka. — Não pensei nisso; é claro, tudo pode acontecer — prosseguiu, com a voz mais conciliadora do mundo, mas na qual, como uma espécie de dissonância irritada, se ouvia outra ideia distante. — O senhor vai fazer o seguinte — continuou. — Amanhã, o senhor vai lá, o mais cedo que puder, e, se receber alguma resposta, me avise na mesma hora. O senhor sabe onde moro, não é? — E tratou de repetir para mim seu endereço.

Em seguida, de repente, ficou tão meiga, tão tímida comigo... Ela parecia me escutar com atenção, porém, quando eu lhe fiz uma pergunta, ficou muda, embaraçada e virou a cabeça para o outro lado. Mirei seus olhos — era isso: ela estava chorando.

— Puxa, será possível, será possível? Ah, como a senhora é criança! Que infantilidade! Chega!

Ela tentou sorrir, se acalmar, mas seu queixo tremia e o peito continuava arfante.

— Fico pensando no senhor — disse ela, depois de um minuto de silêncio. — O senhor é tão bom que eu teria de ser de pedra para não sentir isso. Sabe o que me veio à cabeça, agora? Comparei os dois, o senhor e ele. Por que ele e não o senhor? Por que ele não é como o senhor? Ele é pior do que o senhor, mesmo assim eu amo mais a ele do que ao senhor.

Não respondi nada. Ela parecia esperar que eu dissesse algo.

— Claro, talvez eu ainda não o compreenda completamente, não o conheça a fundo. Sabe, parece que sempre tive certo medo dele; estava sempre tão sério, parecia orgulhoso. Claro, sei que ele só parecia ser assim, que no coração dele há mais ternura do que no meu... Lembro bem como olhou para mim, na hora em que cheguei ao quarto dele com uma trouxa, eu contei, não lembra? Mas, mesmo assim, de certo modo, eu o respeito demais e, portanto, é como se não fôssemos iguais, não é?

— Não, Nástienka, não — respondi. — Isso quer dizer que a senhora o ama mais do que tudo no mundo e muito mais do que ama a si mesma.

— Sim, vamos supor que seja assim — respondeu a ingênua Nástienka. — Mas sabe o que foi que me passou, agora, pela cabeça? Só que não estou falando em relação ao senhor, mas em geral; já faz tempo que tudo isso me veio à cabeça. Escute, por que não somos todos como irmãos? Por que mesmo a melhor das pessoas, de algum jeito, sempre esconde algo dos outros e se cala diante deles? Por que, nesse instante, não contamos com

franqueza tudo o que trazemos no coração, se afinal sabemos que nossas palavras não vão se perder no vento? Mas não, todo mundo quer parecer mais duro do que é na realidade, como se todos tivessem medo de ofender os próprios sentimentos se os exprimirem depressa demais...

— Ah, Nástienka! A senhora está dizendo a verdade: mas isso acontece por muitos motivos — interrompi, reprimindo meus sentimentos mais do que nunca, naquele instante.

— Não, não! — retrucou, com um sentimento profundo. — Veja o senhor, por exemplo; não é como os outros! Na verdade, não sei como dizer para o senhor o que eu sinto; mas me parece, veja o senhor, por exemplo... mesmo agora... me parece que o senhor está sacrificando algo por mim — acrescentou com timidez, depois de me lançar um olhar de relance. — O senhor me desculpe se falo desse modo: afinal, sou uma moça simples; conheço pouco o mundo e, na verdade, às vezes não sei como falar — acrescentou com voz trêmula, por causa de algum sentimento guardado, ao mesmo tempo que tentava sorrir. — Só que tive vontade de dizer ao senhor que sou grata e que eu também sinto tudo isso... Ah, que Deus dê felicidade ao senhor, pelo que fez! Veja, aquilo que me disse sobre seu sonhador é completamente falso, ou seja, quero dizer, aquilo não diz respeito ao senhor. O senhor vai se recuperar, na verdade o senhor é outra pessoa, muito diferente daquela que o senhor mesmo descreveu. Se algum dia o senhor se apaixonar, que Deus faça o senhor feliz, ao lado dela! Quanto a ela, não preciso desejar nada, porque será feliz com o senhor. Eu sei, sou mulher e o senhor deve acreditar em mim, se estou lhe dizendo isso...

Calou-se e apertou minha mão com força. Também não consegui dizer nada, de tanta emoção. Passaram alguns minutos.

— Pois é, pelo visto, ele não virá hoje! — disse ela, afinal, levantando a cabeça. — É tarde!...

— Virá amanhã — disse eu, com a voz mais firme e convincente.

— Sim — acrescentou, alegrando-se. — Eu mesma estou vendo agora que ele só vai vir amanhã. Bem, então até logo! Até amanhã! Se chover, talvez eu não venha. Mas virei depois de amanhã, virei sem falta, aconteça o que acontecer; virei aqui sem falta; quero encontrar o senhor, vou lhe contar tudo.

E depois, quando nos despedimos, ela me deu a mão e disse, olhando para mim com ar radiante:

— Pois agora estamos juntos para sempre, não é?

Ah! Nástienka, Nástienka! Se você soubesse em que solidão estou agora!

Quando bateram as nove horas, não consegui mais ficar no meu quarto, troquei de roupa e saí, apesar do tempo feio. Cheguei lá, sentei em nosso banco. Cheguei a entrar na travessa onde elas moravam, mas tive vergonha e dei meia-volta, sem olhar para sua janela, sem dar os dois passos que faltavam para chegar à sua casa. Voltei para meu quarto numa angústia como nunca havia sentido. Que tempo úmido, maçante! Se o tempo estivesse bonito, eu ficaria andando a noite inteira...

Mas até amanhã, até amanhã! Amanhã, ela vai me contar tudo.

Entretanto, hoje não veio nenhuma carta. Aliás, assim é que deve ser. Os dois já estão juntos...



## Quarta noite

Meu Deus, como tudo isso terminou! De que jeito isso terminou! Fui lá às nove horas. Ela já estava lá. Ainda de longe, eu a avistei; ela estava como na primeira vez, com os cotovelos apoiados no parapeito da beirada do rio, e não ouviu que eu estava me aproximando.

— Nástienka! — chamei-a, contendo com esforço minha emoção.

Ela se virou ligeiro para mim.

— Vamos! — disse ela. — Vamos logo!

Olhei para ela sem entender.

— Então, onde está a carta? O senhor trouxe a carta? — repetiu, agarrando o parapeito.

— Não, não tenho nenhuma carta — respondi, afinal. — Ele ainda não apareceu?

Ela ficou tremendamente pálida e, por muito tempo, olhou para mim, sem se mexer. Destruí suas últimas esperanças.

— Bem, que Deus o perdoe! — disse ela, afinal, com voz entrecortada. — Que Deus o perdoe... se ele me abandona assim.

Baixou os olhos, depois quis olhar para mim, mas não conseguiu. Mais alguns minutos se passaram e ela dominou sua emoção, mas de repente deu meia-volta, apoiou o cotovelo na balaustrada da beira do canal e se desfez em lágrimas.

— Chega, chega! — comecei a dizer, mas faltou-me força para olhar para ela, e, além do mais, o que eu iria dizer?

— Não me console — disse ela, chorando. — Não fale dele. Não diga que ele vai vir, que não me abandonou de modo tão cruel, tão desumano, como fez. Para quê, para quê? Será que havia alguma coisa na minha carta, naquela carta infeliz?

Nesse ponto, os soluços cortaram sua voz; olhar para ela partia meu coração.

— Ah, como isso é cruel e desumano! — recomeçou. — E nem uma linhazinha sequer! Pelo menos que ele respondesse que não precisa mais de mim, que vai me deixar de lado; mas nem uma linhazinha sequer, durante três dias inteiros! Como é fácil, para ele, ofender, magoar uma pobre moça indefesa cujo único crime é amá-lo! Ah, quanta coisa suportei nesses três dias! Meu Deus! Meu Deus! Lembro bem como fui eu mesma falar com ele, na primeira vez, e que me humilhei diante dele, chorei, implorei a ele pelo menos um pinga de amor... E depois disso?... Escute — continuou, voltando-se para mim, e os olhinhos negros começaram a cintilar. — Isso não é assim! Não pode ser assim; não é natural! O senhor ou eu, um de nós está enganado; quem sabe ele não recebeu a carta? Talvez ele não saiba de nada até agora! Como é possível, julgue o senhor mesmo, diga, pelo amor de Deus, me explique, não consigo entender, como é possível agir de maneira tão barbaramente brutal como ele fez comigo? Nem uma palavra! Até a pessoa mais desprezível do mundo é tratada com mais compaixão. Quem sabe ele ouviu alguma coisa, quem sabe alguém contou alguma coisa sobre mim? — gritou, voltando-se para mim, com ar indagativo. — O que é, o que o senhor acha?

— Escute, Nástienka, amanhã vou falar com ele, em seu nome.

— E depois?

— Vou perguntar tudo para ele, vou contar tudo.

— E depois?

— Escreva uma carta. Não diga que não, Nástienka, não diga que não! Vou obrigá-lo a respeitar o gesto da senhora, ele vai ficar sabendo de tudo, e se...

— Não, meu amigo, não — interrompeu ela. — Chega! Nem mais uma palavra, nem mais uma linha ele vai receber de mim, nem uma linhazinha sequer... chega! Eu não o conheço, eu não o amo mais, eu vou es... que... cer...

Não terminou a frase.

— Calma, calma! Sente aqui, Nástienka — pedi, e sentei-a no banco.

— Mas estou calma. Chega! É assim mesmo! Estas lágrimas vão secar! O que o senhor está pensando, que vou me matar, que vou me afogar?...

Meu coração estava repleto; queria falar, mas não conseguia.

— Escute! — prosseguiu, pegando minha mão. — Diga: o senhor não agiria dessa forma, não é? O senhor não abandonaria aquela que foi procurá-lo por conta própria, o senhor não lançaria nos olhos dela o desdém desavergonhado que sente por seu coração fraco e tolo, não é? O senhor pensaria que ela é uma pessoa sozinha, que não sabe cuidar de si, que não sabe se proteger do amor que sente pelo senhor, que ela não tem culpa, que ela, enfim, não tem culpa... que ela não fez nada!... Ah, meu Deus, meu Deus!...

— Nástienka! — gritei, enfim, sem forças para dominar minha emoção. — Nástienka! A senhora me tortura! A senhora está cortando meu coração, está me matando, Nástienka! Não posso me calar! Tenho de falar, afinal, expressar o que se acumulou aqui dentro do coração...

Ao dizer isso, me levantei do banco. Ela me segurou pelo braço e olhou para mim, surpresa.

— O que há com o senhor? — exclamou, afinal.

— Escute! — falei, em tom decidido. — Escute-me, Nástienka! O que vou dizer agora não passa de um absurdo, uma insensatez, uma tolice! Sei que isso não poderá acontecer nunca, mas não posso mais ficar calado. Em nome daquilo que a senhora está sofrendo, agora, eu suplico de antemão, me perdoe!...

— Mas o que foi, o que foi? — disse ela, parando de chorar e olhando para mim fixamente, enquanto uma curiosidade estranha reluzia em seus olhinhos surpresos. — O que há com o senhor?

— É impossível, mas eu a amo, Nástienka! É isso! Pronto, agora tudo está dito! — falei, e ergui a mão aberta. — Agora a senhora vai ver se pode falar comigo da maneira como falou há pouco, se pode, enfim, escutar o que vou dizer...

— Mas o que é, o que é? — cortou Nástienka. — O que é isso? Ora, eu já sabia havia muito tempo que o senhor gostava de mim, só que me parecia que o senhor gostava de mim assim, de um modo geral, simples... Ah, meu Deus, meu Deus!

— No início, até que foi simples, Nástienka, mas agora... estou exatamente como a senhora, quando subiu ao quarto dele com sua trouxa. Pior até do que a senhora, Nástienka, porque ele, naquela hora, não amava ninguém, mas a senhora ama.

— O que o senhor está me dizendo? Afinal, não consigo entender o senhor de jeito nenhum. Mas, escute, para que tudo isso, não há motivo, por que o senhor, assim, de uma hora para outra... Meu Deus! Estou falando bobagens! Mas o senhor...

E Nástienka se viu completamente confusa. Suas faces se afoguearam; ela baixou os olhos.

— O que fazer, Nástienka, o que vou fazer? A culpa é minha, eu me aproveitei de... Mas não, não, eu não tenho culpa, Nástienka; percebo, sinto isso, porque meu coração me diz que estou certo, porque não posso de maneira nenhuma ofender a senhora, não posso fazer mal nenhum! Fui amigo da senhora; certo, e agora também continuo a ser amigo; não mudei nada. Olhe, minhas lágrimas estão correndo agora, Nástienka. Pois que corram, que corram: elas não me atrapalham em nada. Vão secar, Nástienka...

— Mas sente, sente aqui — disse ela, me puxando para o banco. — Ah, meu Deus!

— Não! Nástienka, não vou me sentar; já não posso mais ficar aqui, a senhora já não pode mais me ver; contei tudo e vou embora. Só quero dizer que a senhora nunca saberia que eu a amo. Eu guardaria meu segredo. Eu não a faria sofrer agora, neste minuto, com meu egoísmo! Não! Mas, agora, não consegui suportar; a senhora mesma começou a falar do assunto, a culpada é a senhora, é a culpada de tudo, a culpa não é minha. A senhora não pode me mandar embora...

— Não, nada disso, eu não vou mandar o senhor embora, não! — disse Nástienka, escondendo como podia sua perturbação, a pobrezinha.

— A senhora não vai me mandar embora? Não? Mas eu mesmo queria fugir da senhora. E irei mesmo, só que antes vou contar que, quando a senhora falava comigo aqui, eu não conseguia ficar parado, quando a senhora chorou, quando a senhora se atormentou porque, bem, porque (vou dizer as palavras, Nástienka), porque está sendo abandonada, porque seu amor está sendo rejeitado, eu percebi, senti quanto amor pela senhora

existe no meu coração, Nástienka, quanto amor!... E me deu tanta amargura não poder ajudar a senhora com esse amor... que meu coração se dilacerou e... não consegui me calar, tive de dizer, Nástienka, tive de dizer!...

— Sim, sim! Fale, fale comigo assim! — disse Nástienka, com um movimento inexplicável. — Talvez o senhor ache estranho que eu fale com o senhor dessa maneira, mas... fale! Depois, eu é que vou falar para o senhor! Vou contar tudo!

— A senhora tem pena de mim, Nástienka; simplesmente está com pena de mim, minha amiguinha! O que está feito está feito! O que foi dito não pode ser desdito! Não é assim? Pois bem, a senhora agora sabe de tudo. Pronto, este é o ponto de partida. Pois bem, está certo! Agora, tudo está muito bem: apenas escute uma coisa. Enquanto a senhora estava aqui e chorava, eu ficava pensando (ah, deixe que eu conte o que ficava pensando!), eu ficava pensando que (certo, Nástienka, é claro que isso não pode acontecer), eu ficava pensando que a senhora... eu ficava pensando que a senhora, de algum modo, aí... bem, de alguma forma totalmente estranha, já não amava mais aquele homem. Então... eu já estava pensando isso ontem e anteontem, Nástienka... então, eu ia fazer, a qualquer preço, eu ia fazer tudo para a senhora me amar: afinal, a senhora disse, pois foi a senhora mesma que disse, Nástienka, que já estava quase apaixonada por mim. Pois bem, o que mais? Bem, isso é quase tudo o que eu queria dizer; só falta dizer o que aconteceria se a senhora se apaixonasse por mim, só isso e mais nada! Escute, minha amiga, porque a senhora, apesar de tudo, é minha amiga, eu naturalmente sou uma pessoa simples, pobre, uma pessoa insignificante, só que não é essa a questão (não

sei como, mas não consigo dizer o que quero dizer, é por causa da confusão, Nástienka), só que eu amava tanto a senhora, mas amava tanto que, se a senhora ainda sentisse amor por ele e continuasse a ter amor por aquele que não conheço, então, mesmo assim, a senhora nem veria em meu amor um peso para si. Só perceberia, só sentiria que, a todo minuto, a seu lado, bate um coração agradecido, agradecido. Um coração ardente que, pela senhora... Ah, Nástienka, Nástienka! O que a senhora fez comigo?...

— Não chore, vamos, eu não quero que o senhor chore — disse Nástienka, levantando-se depressa do banco. — Vamos, levante, venha comigo, não chore, não chore — disse, enquanto enxugava minhas lágrimas com seu lenço. — Muito bem, agora venha; talvez eu lhe conte algumas coisas... Sim, mesmo que ele agora tenha me abandonado, mesmo que ele tenha me esquecido, apesar de tudo, eu ainda o amo (não quero enganar o senhor)... mas, escute, me responda. Se eu, por exemplo, me apaixonar pelo senhor, quer dizer, se eu um dia... Ah, meu amigo, meu amigo! Só de pensar, só de pensar que ofendi o senhor, que zombei do seu amor, quando o elogiei por não ter se apaixonado por mim!... Ah, meu Deus! Como é que não previ isso, como é que não previ, como fui tola, mas... certo, certo, já decidi, vou contar tudo...

— Escute, Nástienka, sabe de uma coisa? Eu vou embora, vou deixar a senhora, é isso! Eu só faço atormentar a senhora, mais nada. Olhe, agora a senhora está com remorsos na consciência por ter zombado de mim, e eu não quero, sim, eu não quero que, além da dor que a senhora já sente... Claro, a culpa é minha, Nástienka, mas adeus!

— Espere, escute: o senhor pode esperar?

— Esperar o quê? Como assim?

— É a ele que eu amo; mas isso vai passar, tem de passar, não pode deixar de passar; já está passando, eu sinto... Quem sabe, pode ser até que termine hoje mesmo, porque sinto ódio dele, porque ele me desdenhou, enquanto o senhor chorava aqui, junto comigo, porque o senhor não me rejeitaria como ele, porque o senhor me ama e ele não me amava, porque, enfim, eu mesma amo o senhor... sim, amo! Amo, como o senhor me ama; eu mesma disse isso, antes até do senhor, o senhor mesmo ouviu... e amo porque o senhor é melhor do que ele, porque o senhor é mais nobre do que ele, porque, porque ele...

A comoção da pobrezinha era tão forte que ela não terminou a frase, apoiou a cabeça no meu ombro, depois no peito, e começou a chorar amargamente. Eu a consolava, tentava convencê-la, mas ela não conseguia parar; apertava minha mão cada vez mais e dizia, entre soluços: “Espere, espere um pouco, já vou parar! Quero lhe dizer... o senhor nem imagina o que são estas lágrimas... são assim, de fraqueza, espere, está passando...”. Enfim ela parou, enxugou as lágrimas e recomeçamos a andar. Bem que eu queria falar, mas ela ainda passou muito tempo pedindo que eu esperasse. Ficamos calados... Enfim, ela se recuperou e voltou a falar...

— Pois é — começou, com voz fraca e trêmula, mas na qual, de repente, ressoou algo que se cravou em cheio no meu coração e o encheu de doçura. — Não pense que sou tão inconstante e volúvel, não pense que sou capaz de esquecer e mudar tão depressa e com tanta facilidade... Durante um ano inteiro, eu o amei e jurei por Deus que nunca, nunca, nem em pensamento, seria infiel. Ele desprezou isso; zombou de mim... melhor para



ele! Mas ele me magoou e ofendeu meu coração. Eu... eu não o amo, porque só posso amar quem é generoso, quem me entende, quem é nobre; porque eu mesma sou assim e ele não é digno de mim... muito bem, melhor para ele! E foi melhor mesmo ele ter agido assim, agora, do que só depois eu saber como ele é na verdade e ver que minhas esperanças tinham sido logradas... Muito bem, está acabado! Mas, quem sabe, meu bom amigo — prosseguiu, apertando minha mão —, quem sabe talvez todo meu amor tenha sido uma ilusão dos sentidos, da imaginação, quem sabe tudo tenha começado como uma brincadeira, uma bobagem, porque eu estava sob a vigilância da vovó? Talvez eu deva amar a outro, e não a ele, não um homem assim, mas diferente, que tenha pena de mim e, e... Bem, vamos deixar isso de lado — cortou Nástienka, arfando de emoção. — Eu queria só dizer ao senhor... queria dizer ao senhor que, se, apesar de eu amar a ele (não, apesar de eu ter amado a ele), se, apesar disso, o senhor ainda disser... se o senhor sentir que seu amor é tão grande que pode, afinal, tomar o lugar do amor anterior no meu coração... se o senhor estiver disposto a ter pena de mim, se o senhor não quiser me abandonar sozinha, me entregar à minha própria sorte, sem consolo, sem esperança, se o senhor quiser me amar sempre, como me ama agora, então eu juro que a gratidão... que meu amor será, afinal, digno do seu amor... O senhor, agora, aceitaria minha mão?

— Nástienka — gritei, sufocado pelos soluços. — Nástienka!... Ah, Nástienka!

— Bem, chega, chega! Agora, chega, chega mesmo! — disse ela, mal conseguindo se controlar. — Agora, tudo foi dito; não é verdade? Não é? Bem, o senhor está feliz e eu também estou feliz; mais nenhuma palavra sobre isso;

espere; me poupe... Fale de outra coisa, pelo amor de Deus!...

— Está bem, Nástienka, está bem! Chega desse assunto, agora estou feliz, eu... Certo, Nástienka, certo, vamos conversar sobre outra coisa, depressa, vamos conversar logo; sim! Estou pronto...

E não sabíamos o que dizer, rimos, choramos, dissemos mil palavras sem coerência e sem sentido; ora caminhávamos pela calçada, ora voltávamos atrás de repente e atravessávamos a rua; depois, parávamos e, de novo, atravessávamos a rua para a beirada do rio; estávamos que nem crianças...

— Agora, estou morando sozinho, Nástienka — comecei a dizer —, mas amanhã... Bem, naturalmente, sei que sou pobre, Nástienka, ao todo tenho só mil e duzentos rublos, mas isso não importa...

— Claro que não, e a vovó tem sua pensão; assim, ela não será um peso. Temos de ficar com a vovó.

— Claro, temos de ficar com a vovó... Só que tem a Matriona...

— Ah, sim, e também temos a Fiokla!

— Matriona é boa, tem só um defeito: não tem imaginação, Nástienka, absolutamente nenhuma imaginação; mas isso não importa!...

— Tanto faz; as duas podem ficar juntas; amanhã, o senhor muda para nossa casa.

— Como assim? Para sua casa? Certo, estou pronto...

— Sim, alugue uma parte da nossa casa. Lá em cima, temos o mezanino; está vazio. Havia uma inquilina, uma velha da nobreza, ela se mudou, e a vovó, eu sei, quer alugar para um homem jovem; eu disse: “Por que para um homem jovem?”. E ela respondeu: “Ora, já estou velha, mas nem por isso, Nástienka, você deve imaginar

que estou querendo arranjar um casamento para você”. Eu bem que estava achando que era mesmo para isso...

— Ah, Nástienka!

E os dois começaram a rir.

— Vamos, chega, chega. Mas onde é mesmo que o senhor mora? Esqueci.

— Lá na ponte de... no edifício Baránnikov.

— Aquele edifício grande?

— Isso mesmo, aquele edifício grande.

— Ah, sei, é bonito; mas, olhe, saia de lá e mude para a nossa casa depressa...

— Amanhã mesmo, Nástienka, amanhã mesmo; estou devendo um pouco do aluguel, mas não é nada... Logo vou receber o salário...

— E, sabe, eu posso dar aulas, vou estudar e dar aulas também...

— Puxa, que ótimo... e, em breve, vou receber uma gratificação, Nástienka...

— Então, amanhã, o senhor vai ser meu inquilino...

— Vou sim, e então vamos ver *O barbeiro de Sevilha*, porque a ópera vai entrar em cartaz outra vez.

— Vamos, sim — respondeu Nástienka, rindo. — Não, é melhor ver outra coisa em vez do *Barbeiro*...

— Certo, está bem, outra coisa; claro, vai ser melhor, eu não tinha pensado nisso...

Enquanto conversávamos, ficamos caminhando como que atordoados, como no meio de uma neblina, como se não soubéssemos o que fazer de nós mesmos. Ora parávamos e conversávamos demoradamente, sem sair do lugar, ora recomeçávamos a caminhar e andávamos só Deus sabe para onde, e de novo os risos, as lágrimas... Nástienka, de repente, resolvia ir para casa, eu não me atrevia a contê-la e decidia acompanhá-la; avançávamos pelo caminho e, de repente, quinze

minutos depois, estávamos de novo na beirada do rio, em nosso banco. Ela dava um suspiro e, de novo, uma gota de lágrima corria do seu olho; eu ficava tímido, gelado... No entanto, ela logo espremia a minha mão e me puxava para caminhar de novo, conversar, tagarelar...

— Agora, está na hora de ir para casa; acho que já é muito tarde — disse Nástienka, afinal. — Chega dessas criancices!

— Sim, Nástienka, só que agora não vou mais conseguir dormir; não vou para casa.

— Acho que também não vou conseguir dormir; mas o senhor vai me acompanhar até minha casa...

— Sem dúvida!

— Mas desta vez temos de ir mesmo até minha casa.

— Sem dúvida, sem dúvida...

— Palavra de honra?... Porque, afinal, em algum momento, vou ter de voltar para casa!

— Palavra de honra — respondi, rindo.

— Então vamos!

— Vamos. Olhe para o céu, Nástienka, olhe! Amanhã, vai fazer um dia lindo; que céu azul, que lua! Olhe: olhe aquela nuvem amarela que está cobrindo a lua, olhe, olhe!... Não, ela passou ao lado. Mas olhe, olhe!

No entanto, Nástienka não estava olhando para a nuvem, estava calada, os pés pregados no chão; um minuto depois, pareceu ficar acanhada, apertou-se a mim com força; sua mão começou a tremer na minha mão; olhei para ela... Apertou-se a mim com mais força ainda.

Nesse instante, um jovem passou por nós. De repente, parou, olhou para nós fixamente e, depois, deu mais alguns passos. O coração, dentro de mim, estremeceu...

— Nástienka — falei em voz baixa. — Quem é, Nástienka?

— É ele! — respondeu num sussurro, e se apertou a mim mais ainda, e mais trêmula ainda... Eu mal conseguia me manter de pé.

— Nástienka! Nástienka! É você! — soou uma voz atrás de nós, e, naquele instante, o jovem avançou alguns passos em nossa direção.

Meu Deus, que grito! Como ela estremeceu toda! Como se desvencilhou de meus braços e voou ao encontro dele!... Fiquei parado e olhava para eles como se estivesse morto. Mas Nástienka, logo depois de lhe dar a mão, logo depois de se jogar no seu abraço, de repente, se voltou de novo para mim, apareceu do meu lado, como vento, como um relâmpago, e, antes que eu tivesse tempo de entender, envolveu meu pescoço em seus braços e, com força, com ardor, me beijou. Em seguida, sem dizer nenhuma palavra, largou-me de novo e foi para ele, segurou sua mão e arrastou-o atrás de si.

Fiquei parado muito tempo, seguindo-os com os olhos... Por fim, os dois desapareceram...

## Manhã

Minhas noites terminaram com a manhã. O dia estava feio. Chovia e as gotas batiam tristes nos vidros da minha janela; no quarto, estava escuro; lá fora, cinzento. Minha cabeça doía e rodava; a febre se infiltrava por todo meu corpo.

— Uma carta para você, patrão, pelo correio municipal; o carteiro deixou — Matriona exclamou, inclinada sobre mim.

— Carta? De quem? — gritei, e levantei da cadeira com um pulo.

— Ah, sei lá, patrão, olhe, pode ser que esteja escrito quem mandou.

Rompi o lacre. Era dela!

“Ah, perdoe, me perdoe!”, escrevia minha Nástienka. “Suplico de joelhos, me perdoe! Enganei o senhor e a mim mesma. Foi um sonho, uma ilusão... Sofri muito pelo senhor, hoje; perdoe, me perdoe!

“Não me condene, pois não mudei nada em relação ao senhor; disse que vou amar o senhor e eu o amo agora, amo até demais. Ah, meu Deus! Se eu pudesse amar os dois ao mesmo tempo! Ah, se o senhor fosse ele!”

“Ah, se ele fosse o senhor!”, passou depressa pela minha cabeça. Lembrei suas palavras, Nástienka!

“Deus é testemunha do que eu seria capaz de fazer pelo senhor agora! Sei que o senhor está triste e amargurado. Magoei o senhor, mas o senhor sabe... se amamos, lembramos a mágoa por muito tempo. E o senhor me ama!

“Obrigada! Sim! Sou grata ao senhor por esse amor. Porque, na minha memória, ele deixou a impressão de um sonho longo que, depois de acordar, ainda lembramos por muito tempo; pois vou lembrar para sempre aquele instante em que o senhor, de modo tão fraterno, me abriu seu coração e, com tanta generosidade, aceitou de presente meu coração abatido, para cuidar, acalantar, curar... Se o senhor me perdoar, a memória que tenho do senhor vai se elevar, dentro de mim, num sentimento eterno, agradecido, que nunca mais vai se apagar de minha alma... Vou conservar essa memória, vou ser fiel a ela, não vou traí-la, não vou trair meu coração: ele é constante demais. Ontem mesmo, ele voltou bem depressa para aquele a quem sempre pertenceu.

“Nós nos encontraremos, o senhor virá à nossa casa, o senhor não vai nos deixar, o senhor será para sempre meu amigo, meu irmão... E quando o senhor me vir, vai me dar sua mão, não é? Vai me dar sua mão, o senhor me perdoou, não é verdade? O senhor me ama *como antes?*

“Ah, me ame, não me abandone, porque, neste minuto, amo tanto o senhor, porque sou digna do seu amor, porque eu o mereço... meu querido amigo! Na semana que vem, vou partir com ele. Ele voltou apaixonado, nunca me esqueceu... Não se zangue por eu estar falando dele. Mas quero visitar o senhor com ele; vocês vão gostar um do outro, não é verdade?...

“Perdoe, lembre e ame a sua

*Nástienka.*”

Fiquei muito tempo relendo essa carta; lágrimas desceram de meus olhos. Por fim, a carta caiu de minhas mãos e cobriu o rosto.

— Menino! Menino! — disse Matriona.

— O que é, velha?

— Aquela teia de aranha, olhe só, tirei tudo do teto; agora, é melhor se casar, convidar gente para vir aqui, está na hora boa...

Olhei para Matriona... Ainda era uma velha simpática, *jovial*, mas, não sei por quê, de repente me pareceu ter o olhar apagado, rugas no rosto, estar recurvada, decrépita... Não sei por quê, de repente me pareceu que meu quarto tinha envelhecido também, como a velha. As paredes e o chão pareceram desbotados, tudo escurecido; era como se as teias tivessem aumentado mais ainda. Não sei por quê, quando olhei para a janela, tive a impressão de que o prédio da frente também estava decrépito e turvo, que o reboco das colunas estava descascado e solto, que as cornijas estavam enegrecidas e rachadas e as paredes, de um amarelo forte e vivo, tinham ficado cheias de manchas...

Talvez tenha sido um raio de sol que, de repente, depois de dar uma espiada por trás de uma nuvenzinha, se escondeu outra vez atrás de uma nuvem de chuva, e tudo escureceu diante de meus olhos; ou, quem sabe, toda a perspectiva do meu futuro se delineou na minha frente com ar de tão poucos amigos e tão triste, que eu me vi tal como estou agora, exatamente daqui a quinze anos, envelhecido, neste mesmo quarto, tão solitário como agora, com a mesma Matriona, que, durante esses anos, não ficou nem um pouco mais inteligente.

Mas que eu lembre minha mágoa, Nástienka! Que eu lance uma nuvem escura sobre sua felicidade clara, imaculada, que eu, com censuras amargas, lance uma tristeza no seu coração, fira seus remorsos secretos e obrigue seu coração a bater com tristeza nos momentos de felicidade, que eu maltrate ainda que só uma das flores meigas que você prendeu nos cachos negros de



seus cabelos, quando caminhou ao lado dele para o altar... Ah, isso nunca, nunca! Seu céu será claro, seu sorriso meigo será luminoso e sereno, e você será abençoada pelo minuto de felicidade e beatitude que concedeu a outro coração, solitário e agradecido!

Meu Deus! Um minuto inteiro de felicidade! Acaso isso é pouco, mesmo para uma vida humana inteira?...

Polzunkov

Comecei a observar aquele homem. Até na sua aparência havia algo de especial que, de repente, por mais que estivéssemos distraídos, nos obrigava a cravar os olhos nele e, na mesma hora, desatar a risada mais incontrolável, mesmo contra nossa vontade. Foi o que aconteceu comigo. É preciso notar que os olhos desse pequeno cavalheiro eram tão ágeis — ou, melhor dizendo, que ele próprio, inteiro, era tão sensível ao magnetismo de qualquer olhar voltado para ele que, quase por instinto, adivinhava que estava sendo observado e imediatamente se virava para seu observador e, com ansiedade, analisava esse olhar. Por causa de sua eterna mobilidade, de seus rodopios ligeiros, ele parecia de fato um cata-vento. Que estranho! Dava a impressão de ter medo de que rissem dele, mas, ao mesmo tempo, quase que ganhava a vida fazendo papel de palhaço para todo mundo e baixava a cabeça com humildade a qualquer peteleco, no sentido moral e até no sentido físico, dependendo das pessoas com quem estivesse. Palhaços voluntários nem chegam a nos dar pena. Mas logo percebi que aquela criatura estranha, aquele homenzinho absolutamente ridículo, não era um palhaço de ofício. Nele, restava ainda algo de nobre. Sua inquietude, seu eterno e doentio temor por si mesmo testemunhavam a seu favor. Parecia-me que todo seu desejo de ser útil provinha antes de um coração bom que da busca de vantagens materiais. Com prazer, deixava que rissem dele bem alto e de maneira indecorosa, na sua frente; porém, ao mesmo tempo — e, quanto a isso,

ponho a mão no fogo —, seu coração se lamentava e sangrava com a ideia de que seus espectadores podiam ser tão indignamente cruéis que chegavam ao ponto de rir não de um fato, mas dele mesmo, de todo seu ser, do coração, da cabeça, da aparência, de toda sua carne e seu sangue. Estou convencido de que ele sentia, naqueles momentos, toda a estupidez de sua posição; porém, na mesma hora, o protesto morria em seu peito, embora toda vez, e infalivelmente, renascesse de forma generosa. Estou convencido de que tudo isso só acontecia por causa do bom coração e de forma alguma em razão do medo de um prejuízo material, de ser posto para fora aos safanões e de não poder pegar dinheiro emprestado com alguém: esse cavalheiro vivia eternamente pedindo dinheiro emprestado, ou seja, pedia esmolas quando, depois de fazer caretas e provocar risos por iniciativa própria, sentia que, de certa forma, tinha o direito de pedir dinheiro emprestado. Mas, meu Deus! Que empréstimo era aquele! E que cara ele fazia, para obter o empréstimo! Eu nem podia imaginar que, num espaço tão pequeno como o rosto enrugado e anguloso daquele homem, pudessem caber, ao mesmo tempo, caretas tão variadas, emoções tão estranhas e diversificadas, impressões tão numerosas e tão fulminantes. O que não havia ali! A vergonha, a insolência dissimulada, a irritação, em que o rosto ficava repentinamente vermelho, a raiva, o temor do fracasso, o pedido de desculpas por se atrever a incomodar, a consciência de sua dignidade, a plena consciência da própria insignificância — tudo isso atravessava seu rosto como um raio. Havia seis anos inteiros que ele sobrevivia dessa forma, neste mundo de Deus, e até agora não havia conseguido definir uma figura para si, no momento interessante do empréstimo! Nem é preciso dizer que ele

nunca seria capaz de se mostrar insensível ou infame. Seu coração era maleável e caloroso demais! Digo mais: a meu ver, era o homem mais nobre e honesto do mundo, porém com uma pequena fraqueza: bastava uma ordem para ele cometer uma baixeza, de modo generoso e desinteressado, se isso servisse para satisfazer o próximo. Em suma, era exatamente o que chamam de homem-trapo. O mais engraçado de tudo é que ele se vestia quase igual a todo mundo, nem pior nem melhor, limpo, até com certo requinte e com uma pretensão à seriedade e à dignidade. A igualdade exterior e a desigualdade interior, sua preocupação consigo e, ao mesmo tempo, sua contínua autodepreciação — tudo isso formava um contraste gritante e era digno de riso e de pena. Se, no fundo do coração, estivesse convencido (o que, apesar da experiência, chegava a acontecer com ele, muitas vezes) de que todos os seus espectadores eram as melhores criaturas do mundo, que apenas estavam rindo de um fato ridículo e não de sua pessoa caída em desgraça, tiraria seu fraque com prazer, de algum jeito o vestiria do avesso e andaria pelas ruas com essa indumentária, para a satisfação dos outros e o deleite próprio, só para fazer rir seus protetores e dar a todos uma satisfação. Porém, ele jamais, e de maneira nenhuma, conseguia alcançar a igualdade. Outro traço: o excêntrico era vaidoso e, num ímpeto, quando não havia perigo, chegava a se mostrar abnegado. Era preciso ver e ouvir como sabia repreender, às vezes sem poupar a si mesmo e, portanto, com risco, quase com heroísmo, algum de seus *protetores* que o tivesse deixado louco de raiva. Mas isso só durava minutos... Em suma, era um mártir, no pleno sentido da palavra, ainda que o mais inútil e, portanto, o mais cômico dos mártires.

Entre os convidados, começou uma discussão geral. De repente, vi meu excêntrico pular em cima de uma cadeira e gritar com toda a força, no intuito de receber uma atenção exclusiva.

— Escute isso — sussurrou-me o anfitrião. — Às vezes, ele conta as coisas mais curiosas... Ele interessa ao senhor?

Fiz que sim com a cabeça e me enfiei no meio da multidão.

De fato, o aspecto do cavalheiro bem-vestido que havia pulado em cima da cadeira e gritava a plenos pulmões despertou a atenção geral. Muitos que não conheciam o excêntrico se entreolhavam com perplexidade, outros davam sonoras gargalhadas.

— Conheço o Fedossiéi Nikolaitch! Devo ser quem melhor conhece o Fedossiéi Nikolaitch! — gritava o excêntrico, do alto de seu palanque. — Senhores, deixem-me contar. Vou contar uma boa sobre o Fedossiéi Nikolaitch! Sei de uma história que é uma maravilha!...

— Conte, Óssip Mikháilitch, conte.

— Conte!!

— Então escutem...

— Escutem, escutem!!!

— Vou começar; mas, senhores, essa é uma história diferente...

— Está bem, está bem!

— Essa é uma história cômica.

— Muito bem, excelente, ótimo... vamos ao que interessa!

— É um episódio da vida pessoal de seu mais humilde...

— Então, nem precisava se dar ao trabalho de avisar que é uma história cômica!

— E até um pouco trágica!

— Oh!!!!

— Em suma, essa história, que dará a todos os senhores a felicidade de me ouvirem agora, é a história que me rendeu, meus senhores, a chance de me ver em companhia tão *rentável*...

— Sem trocadilhos!

— A história!

— Em suma, essa história, para terminar logo esse preâmbulo, essa história tem um preço — declarou, com voz forte, um jovem cavalheiro louro e de bigodes, que enfiou a mão no bolso da sobrecasaca e, em vez do lenço, como que por acaso, tirou dali uma carteira.

— Depois de eu contar essa história, meus nobres senhores, eu gostaria de ver muitos dos senhores no meu lugar. E, enfim, foi por causa dessa história que não me casei!

— Casar!... uma esposa!... Polzunkov<sup>1</sup> queria casar!

— Confesso que, agora, eu bem que gostaria de ver a Mme. Polzunkova!

— Desculpe a curiosidade, mas como se chamava a candidata a Mme. Polzunkova? — piou um jovem, que abriu caminho até o orador.

— Pois bem, primeiro capítulo, senhores: aconteceu exatamente há seis anos, na primavera, dia 31 de março... observem o dia, senhores... véspera...

— De 1<sup>o</sup> de abril! — gritou um jovem de cabelos cacheados.

— O senhor é extraordinariamente perspicaz. Foi à tardinha. Sobre a cidade de província de N., se adensava o crepúsculo, a lua queria emergir... muito bem, tudo estava como devia ser. Então, já nos últimos instantes do crepúsculo, sorratamente, eu também quis emergir de meu quartinho, e me despedi de minha avó obtusa, já falecida. Desculpe, senhores, por usar essa expressão da moda, que ouvi na última vez que fui à casa de Nikolai

Nikolaitch. Mas minha avó era mesmo completamente *obtusa*: era cega, surda, muda, tola, tudo o que quiserem! Confesso, eu estava tremendo de medo, me preparava para um grande feito; meu coraçãozinho batia como o de um gato, quando uma grande mão ossuda o agarra pelo cangote.

— Com licença, monsieur Polzunkov!

— O que o senhor deseja?

— Conte de um jeito mais simples; por favor, não se esforce tanto!

— Obedeço — respondeu Óssip Mikháilitch, um pouco embaraçado. — Entrei na casinha de Fedossiéi Nikolaitch (que ele comprou com seu próprio esforço). Fedossiéi Nikolaitch, como sabem, é menos um colega do que um chefe completo. Anunciaram que eu havia chegado e me conduziram para dentro do gabinete. Estou vendo como se fosse agora: a sala estava totalmente, totalmente escura, e não trouxeram nenhuma vela. Quando eu olho, Fedossiéi Nikolaitch está entrando. Então, eu e ele ficamos assim, no escuro...

— E o que se passou entre vocês? — perguntou o oficial.

— O que o senhor acha? — perguntou Polzunkov, virando-se ligeiro, com o rosto convulsivamente agitado, para o jovem de cabelos cacheados. — Pois bem, senhores, ali se passou um estranho incidente. Melhor dizendo, de estranho não teve nada, mas houve o que chamam de coisas da vida... Sem nenhuma cerimônia, tirei do bolso um rolinho de papel e ele tirou do seu bolso um rolinho de papel, só que de papel-moeda...

— Notas?

— Notas, e fizemos uma troca.

— Ou muito me engano, ou isso está cheirando a propina — exclamou um jovem cavalheiro de cabelo



curto e vestido com elegância.

— Propina! — retrucou Polzunkov. — Ah! Vou ser liberal, já vi muita coisa! Se o senhor tiver ocasião de servir na província, também vai querer aquecer as mãos... na lareira da terra natal... Como disse um literato: “Até a fumaça da pátria nos é doce e agradável!”.<sup>2</sup> É a mãe, a mãe pátria, senhores, é a nossa terra natal, somos os filhotinhos e, por isso, mamamos nela...

Houve uma risada geral.

— Só que, acreditem, senhores, nunca aceitei propina — disse Polzunkov, correndo os olhos por toda a plateia, com ar desconfiado.

Uma risada homérica, incontrolável, engoliu, de um só golpe, as palavras de Polzunkov.

— É verdade, sim, senhores...

Mas, nesse ponto, ele se deteve, enquanto continuava a olhar para todos, com uma expressão estranha no rosto. Talvez — quem sabe —, talvez, naquele instante, tenha passado pela sua cabeça que ele era mais honesto do que muitos em todo aquele respeitável público... Porém a expressão séria de seu rosto só desapareceu com o fim da hilaridade geral.

— Pois bem — retomou Polzunkov, quando todos se calaram. — Embora nunca tenha recebido propina, daquela vez pequei: pus no bolso a propina... do propinador... Ou seja, havia alguns papezinhos na minha mão que, se eu resolvesse mandar para certa pessoa, seria ruim para Fedossiéi Nikolaitch.

— Quer dizer então que ele pagou pelos papéis?

— Pagou.

— E deu muito?

— Deu tanto quanto alguém, em nosso tempo, cobraria para vender a consciência inteira, com todas as variantes... caso alguém pagasse alguma coisa. Só que,

ao colocar o dinheirinho no bolso, me senti coberto de piche. Na verdade, não sei como é que isso sempre acontece comigo, senhores... mas, vejam só, fiquei mais morto que vivo, os lábios tremeram, as pernas ficaram bambas; muito bem, sou culpado, culpado, absolutamente culpado, a consciência atirada na lama, estava disposto a pedir perdão para Fedossiéi Nikolaitch...

— E o que ele fez, perdoou?

— Nem cheguei a pedir... estou só dizendo que foi assim que aconteceu, naquela hora; entendam, eu tinha um coração ardente. Quando vi, ele estava olhando direto nos meus olhos. Disse: “O senhor não teme a Deus, Óssip Mikháilitch?”. Bem, o que fazer? Abri os braços assim, inclinei a cabeça, por uma questão de decência. Respondi: “Como não temo a Deus, Fedossiéi Nikolaitch?”. Só que, na hora em que falei isso, por uma questão de decência... minha vontade era me afundar na terra e sumir. “Depois de ser amigo de nossa família por tanto tempo, depois de ser, posso dizer assim, como um filho... quem sabe o que o Céu nos reserva, Óssip Mikháilitch? Pois, de repente, veja só, uma delação, prepara uma delação, e agora aí está!... Depois disso, o que pensar das pessoas, Óssip Mikháilitch?” Foi assim, senhores, que ele me pregou um sermão! “Não, diga-me, Óssip Mikháilitch, o que pensar das pessoas, depois disso?” O que pensar, é o que eu penso! Sabem, minha garganta ficou áspera, minha vozinha tremia, eu já estava pressentindo meu caráter indigno e peguei o chapéu... “Aonde o senhor vai, Óssip Mikháilitch? Será possível que na véspera de um dia como esse... Será possível que o senhor, logo agora, vai se mostrar rancoroso? O que foi que eu fiz contra o senhor?” “Fedossiéi Nikolaitch”, respondi, “Fedossiéi Nikolaitch!”

Ou seja, senhores, derreti todo, derreti como o açúcar meloso quando molha. Puxa vida! Até o embrulho no bolso, com o dinheiro, parecia também estar gritando: você é um ingrato, um bandido, um ladrão desgraçado... parecia ter cinco *pudes*<sup>3</sup> no bolso, de tanto que pesava... (Quem dera tivesse mesmo cinco *pudes*!...) “Estou vendo”, disse Fedossiéi Nikolaitch, “estou vendo seu arrependimento... O senhor sabe, amanhã... O senhor sabe que amanhã...” “É o dia de Maria Egipcíaca...”<sup>4</sup> “Certo, não chore”, disse Fedossiéi Nikolaitch. “Chega: pecou e se arrependeu! Vamos! Talvez eu consiga levar o senhor de volta para o caminho verdadeiro... Talvez meus modestos penates (lembro bem, penates, foi exatamente assim que se expressou, o bandido) confortem de novo seu coração empedern... não direi empedernido, mas desencaminhado...” E me pegou pela mão, senhores, e me levou até seus familiares. Um arrepio gelado correu pelas minhas costas; eu tremia! Pensei: com que cara vou me apresentar... Mas os senhores precisam saber... como vou dizer, ali se passou uma transaçõzinha melindrosa!

— Não seria a sra. Polzunkova?

— Maria Fedossiéievna... só que não era seu destino; parece que seria ela aquela a quem os senhores se referem, mas não chegou a ter essa honra! Vejam, Fedossiéi Nikolaitch tinha razão ao dizer que eu era considerado quase um filho, naquela casa. Isso já acontecia um ano e meio antes, quando ainda estava vivo o cadete reformado Mikhailo Maksímitch, de sobrenome Dvigáilov. Só que Deus quis que ele morresse e ele sempre ficava adiando a hora de fazer o testamento, um projeto nunca desengavetado; aconteceu que, depois, de fato não encontraram o testamento em gaveta nenhuma...

— Ah!!!

— Está certo, não há de ser nada, senhores, desculpem, cometi um deslize... fiz um trocadilhozinho ruim, mesmo assim, não há de ser nada, só porque foi ruim... a coisa ficou pior ainda quando me vi, por assim dizer, sem nenhuma perspectiva, porque o tal cadete reformado, embora não tenham me deixado entrar na casa para vê-lo (ele vivia no luxo, porque tinha as costas quentes!), também me considerava como um filho, e talvez até fosse verdade.

— Aha!

— Sim, senhores, foi assim mesmo! Muito bem, e começaram a torcer o nariz para mim, na casa de Fedossiéi Nikolaitch. Eu olhava, olhava, ia me segurando, me segurando, e então, de repente, para minha desgraça (talvez, para minha sorte!), um oficial da remonta da cavalaria invadiu a galope nossa cidadezinha, como a neve que cai na cabeça. O negócio dele, na verdade, era rápido, ágil, coisa de cavalaria, mas acabou se estabelecendo com muita firmeza na casa de Fedossiéi Nikolaitch... pois é, entrincheirou-se ali como um morteiro! E eu, cheio de dedos, avançando pelas beiradas, com meu caráter infame: “É assim mesmo, Fedossiéi Nikolaitch”, digo eu, “para que ficar magoado? De certo modo, já sou um filho... Até quando vou ter de esperar para receber um gesto de pai, de pai...”. E ele começou a me responder, ah, meu senhor! Ou seja, começou a declamar um poema inteiro, em doze cantos, em versos, e nessa hora só resta escutar, lamber os beiços e abrir os braços de contentamento, mas sentido mesmo não tinha nem um pingo, quer dizer, não tinha sentido nenhum, não dava para decifrar, entender, e então a gente fica ali com cara de idiota, baixa uma neblina em volta da gente, o sentido se remexe como

uma enguia e escapole; mas que talento, puro talento, é tão grande seu dom que, para quem vê de fora, dá até medo! Eu me atirava para todos os lados: para lá, para cá! Empurrei até umas canções para a dama, levei bombons, incubei alguns trocadilhos, soltei ais e uis, disse que meu coração estava doendo, sofria por culpa do Cupido, e fui às lágrimas, cheguei até a uma explicação secreta! Vejam como o homem é um tolo! Bastava eu conferir com o sacristão para ver que eu já tinha trinta anos de idade... Mas quem disse que eu fui? Eu queria ser esperto! Não senhor! Meu negócio não estava andando bem, risos e zombaria em volta, está certo, e a raiva tomou conta de mim, a garganta sufocava, então escapei de mansinho, naquela casa eu não punha mais o pé, pensei, pensei... e, zás: uma delação! Está certo, fui um pouco cruel, queria denunciar um amigo, confesso, material havia de sobra, e que material formidável, um negócio de primeira! Recebi mil e quinhentos rublos, quando troquei a delação pelo dinheiro!

— Ah! Então aí está ela, a propina!

— Sim, meu senhor, foi essa a propinazinha; o propinador me pagou! (E, afinal, nem chega a ser um pecado, não é verdade?) Pois bem, agora vou continuar: se tiverem a bondade de lembrar, ele me arrastou até a sala de chá, e eu estava mais morto que vivo; ali, me receberam; todos pareciam ofendidos, ou melhor, não propriamente ofendidos... mas tão amargurados que apenas... Bem, estavam arrasados, completamente arrasados e, no entanto, no rosto deles brilhava um ar de importância e dignidade, uma distinção no olhar, algo tão paternal, familiar... o filho pródigo voltou para o lar... a coisa chegou a esse ponto! Sentamos para tomar o chá, mas eu tinha a impressão de que o samovar estava

dentro do meu peito, fervia dentro de mim, e as pernas estavam congeladas: me rebaixei, me acovardei! Maria Fominichna, esposa dele, conselheira da corte (agora, conselheira do colégio),<sup>5</sup> me tratou de você desde a primeira palavra e disse: “O que houve que você emagreceu tanto, meu caro?”. “Pois é, andei doente, Maria Fominichna...”, respondi. Minha vizinha tremia! E aí me disse, sem mais nem menos, ela estava só esperando a hora, aquela víbora: “Puxa, pelo visto sua consciência está apertada dentro da sua alma, estimado Óssip Mikháilitch! O apelo de nossa hospitalidade familiar parece que chegou até você! Parece que as lágrimas de sangue que chorei por você foram pagas!”. Juro, foi assim que ela falou, foi contra a própria consciência; mas, para ela, isso não era nada, a bruxa brigona! E só ficou ali sentada, servindo o chá. Pensei: Lá nas barracas do mercado, meu benzinho, você gritaria mais alto do que qualquer outra feirante. Pois era assim, a nossa conselheira! E então, para minha desgraça, entra Maria Fedossiévna, a filhinha, com todas as suas inocências, um pouquinho pálida, os olhinhos avermelhados, como se tivesse chorado... e eu, como um bobo, fulminado no meu canto. Depois, soube que as lágrimas dela tinham corrido pelo oficial da remonta: ele tinha escapulado, de volta para casa, havia fugido dali são e salvo, enquanto era tempo, porque, sabem (agora acho que já posso usar a palavra), tinha chegado a hora de ele ir embora, o prazo terminara, mas não porque houvesse um prazo oficial! Pois é... só depois os queridos pais se deram conta, descobriram tudo o que estava por baixo dos panos, e aí, o que fazer, discretamente remendaram a desgraça que havia desabado em cima de sua casa!... Pois é, não havia o que fazer, quando olhei para ela, vi que eu estava perdido, simplesmente perdido, procurei o

chapéu com o rabo do olho, queria pegar o chapéu e cair fora o mais depressa possível; não estava ali: tinham levado meu chapéu... Confesso, eu queria ir embora, mesmo sem chapéu, mas pensei: não, fecharam a porta com trinco, e começaram os risinhos amistosos, os agrados, e piscavam os olhos, eu fiquei confuso, contei mentiras, falei do Cupido; ela, o meu benzinho, sentou-se diante do clavicórdio e cantou, num tom magoado, sobre um hussardo que se apoiava num sabre... foi minha morte! “Muito bem”, disse Fedossiéi Nikolaitch, “tudo está esquecido, venha aqui, venha aqui... dê cá um abraço!” E eu, do jeito como estava, afundei a cara no seu colete. “Meu benfeitor, você é meu querido pai!”, eu disse, e me afoguei nas minhas lágrimas amargas! Senhor, meu Deus, o que aconteceu, então? Ele chora, a mulher dele chora, Máchenka chora... e também estava ali uma mulher loura, sozinha: chora também... não sei de onde saíram, mas, de todos os lados, acudiram sorradeiras umas criancinhas (o Senhor abençoou mesmo a casinha dele!), que também abrem o berreiro... e quantas lágrimas, quer dizer, que comoção, quanta alegria, o filho pródigo voltou, era como se um soldado tivesse voltado para a terra natal! Nesse ponto, serviram os comes e bebes, vieram as prendas: ah, está doente! O que é que está doendo? O coração. Por quem? Ela fica vermelha, o benzinho! Eu e o velho bebemos ponche... Pois bem, foram embora e me deixaram todo açúcarado...

“Voltei para a casa de minha avó. Minha cabeça rodava. Por todo o caminho, ia rindo, e, em casa, fiquei andando duas horas seguidas dentro do meu quartinho, acordei a velha, contei para ela toda a minha felicidade. ‘E ele deu o dinheiro, o bandido?’. ‘Deu, sim, vovó, deu, deu, minha querida, deu, a sorte chegou à nossa casa, é só abrir o

portão!’ ‘Certo; agora, que você se case de uma vez, já passou da hora de casar’, disse a velha, ‘parece que ouviram minhas preces!’ Acordei Sofron. ‘Sofron, tire minhas botas.’ Sofron tirou minhas botas. ‘Muito bem, Sofrocha, agora me dê os parabéns, me dê um beijo! Vou casar, meu irmão, isso mesmo, vou casar; beba até se embriagar, amanhã, entregue a alma à folia, estou dizendo: seu patrão vai casar!’ Risos e festa no coração! Já ia começar a dormir; mas, não: me levanto outra vez, sento e fico pensando; de repente, um lampejo na cabeça: amanhã é 1º de abril, um dia bem alegre, de brincadeira, e então? Aí me veio uma ideia! Pois é, prezados senhores! Pulei da cama, acendi uma vela, sentei na frente da escrivaninha do jeito como estava, quer dizer, completamente transtornado, sem noção de nada, os senhores sabem como é, quando a gente fica sem noção de nada! Mergulhei de cabeça na lama, meus senhores! Quer dizer, vejam só que caráter: eles tomam de você uma coisa e você vai lá e ainda lhes dá outra: e diz, tomem isto aqui também! Eles batem na sua face e você lhes oferece alegremente as costas todas. Depois eles acenam para você com um pão doce, como se fosse um cachorro, e você, de todo coração, com toda a alma, os abraça com as patinhas tolas... e ainda vai beijar! Pois olhem só agora, senhores! Vocês estão rindo e cochichando, eu estou vendo! Depois, quando eu tiver contado todo meu segredo, vão começar a rir de mim, vão querer me pôr para fora, mas eu vou falar, falar e falar! Certo, quem foi que me mandou falar? Então, quem é que vai me botar para fora? Quem é que fica cochichando pelas minhas costas? ‘Fale, fale, conte logo!’ Pois então eu falo, eu conto, e eu penetro na alma, como se todos fossem meus irmãos, meus amigos do peito... Ah!”



Uma gargalhada, que começou pouco a pouco, se ergueu de todos os lados, acabou cobrindo por completo a voz do orador, que, com efeito, havia chegado a uma espécie de êxtase; ele ficou parado, enquanto seus olhos percorriam a plateia por alguns momentos, e depois, de repente, como que impelido por uma espécie de turbilhão, ergueu a mão, deu ele mesmo uma gargalhada, como se, de fato, achasse ridícula sua situação, e de novo desatou a contar:

— Quase não dormi naquela noite, senhores; fiquei escrevendo no papel a noite inteira; vejam só o truque que inventei! Ah, senhores! Só de lembrar já dá vergonha! Nem seria tão ruim, se fizesse isso de noite; com os olhos embriagados, já andei sem rumo, arrumei confusões absurdas, menti... mas nem teve isso! Acordei de manhã, o sol mal havia nascido; ao todo, não tinha dormido uma horinha sequer, ou pouco mais, dá na mesma! Troquei de roupa, me lavei, frisei o cabelo e passei pomada, me enfiei num fraque novo e parti direto para a festa na casa de Fedossiéi Nikolaitch, levando uma folha de papel dentro do chapéu. Foi ele mesmo que me recebeu, de braços abertos, e me convidou de novo para seu colete paternal! Eu também assumi ares de valente; tudo que eu havia pensado na véspera ainda estava rodando dentro da cabeça! Dei um passo atrás: “Não, Fedossiéi Nikolaitch”, eu disse, “aqui está, faça a bondade de ler este papelzinho”. E entreguei para ele o comunicado; e sabem o que havia naquele comunicado? Era o seguinte: por tal e tal razão, por isso e por aquilo, Óssip Mikháilitch vem pedir sua demissão, e abaixo do pedido, assina seu nome e seu posto! Aí está o que inventei, senhores! Era impossível inventar qualquer coisa mais inteligente! Foi o seguinte: como era o dia 1<sup>o</sup> de abril, por brincadeira, fingi que não tinha esquecido a

ofensa que sofri, fingi que havia mudado de ideia durante a noite, que havia mudado de ideia e estava aborrecido, mais ofendido ainda do que antes, sim, entende, e então eu não quero saber nem dos senhores, meus paternos benfeitores, nem de sua filha; ontem, meti no bolso um dinheirinho, estou protegido, e pronto, entrego ao senhor meu pedido de demissão. Não quero estar sob as ordens de um chefe como Fedossiéi Nikolaitch! Quero um emprego com outro chefe, senão, veja lá, vou fazer a delação. Eu me mostrei um tremendo canalha, inventei de meter medo neles! E inventei de meter medo com o quê? Ah? Bonito, não é, senhores? Ou seja, meu coração estava tomado de afeição por eles desde o dia anterior, portanto resolvi soltar essa brincadeirinha familiar, zombar do coraçãozinho paternal de Fedossiéi Nikolaitch...

“Foi só ele pegar meu papelzinho e desdobrar para eu ver que toda a fisionomia dele se alvoroçou. ‘Como assim, Óssip Mikháílitch?’ E eu, que nem um bobo: ‘Primeiro de abril! Feliz dia 1º de abril para o senhor, Fedossiéi Nikolaitch!’, ou seja, igualzinho a uma criança que se escondeu de mansinho atrás da poltrona da vovó, e depois: fuu! Bem na orelha dela, com toda a força... quis dar um susto! Sim... dá até vergonha contar, senhores! Mas, não! Não vou contar!”

— Nada disso, o que houve depois?

— Nada disso, nada disso, conte logo! Não, senhor, conte! — gritaram de todos os lados.

— Meus senhores, surgiram boatos, fofocas, ais e uis! E eu, o sem-vergonha, eu, o engraçadinho, eu tinha dado um susto neles, pois é, mas de um jeito tão meloso que até eu tive vergonha e cheguei ao ponto de pensar, com medo: como é que alguém pode cometer um pecado assim nesse lugar sagrado? “Puxa, meu querido”, piou a

conselheira, “me deixou tão assustada que minhas pernas estão bambas até agora, mal consigo ficar de pé! Corri feito uma louca para falar com a Macha: Máchenka, o que será de nós? Veja só como *ele* é! Que pecado cometi, meu caro, me perdoe, sou uma pobre velha, agi muito mal! Pois é, pensei assim: quando ele saiu de nossa casa ontem, chegou tarde em casa, começou a pensar, sim, talvez tenha tido a impressão de que, ontem, nós preparamos uma armadilha para ele, queríamos prendê-lo, e aí fiquei até gelada! Chega, Máchenka, chega de piscar para mim, Óssip Mikháilitch não é um estranho para nós; eu sou sua mãe, não vou dizer nada de ruim! Graças a Deus não tenho vinte anos: estou no mundo há quarenta e cinco anos, completos!”

“E então, senhores? Por pouco não me atirei aos pés dela, ali mesmo! De novo, lágrimas derramadas, de novo, beijos para todo lado! Começaram as brincadeiras! Fedossiéi Nikolaitch também se permitiu inventar uma brincadeira de 1º de abril! Disse: chegou um pássaro de fogo com bico de diamante e, no bico, trazia uma carta! Também queria fazer graça... e que risada ele provocou! Que comoção! Ufa! É até indecente contar.

“Pois bem, meus prezados senhorezinhos, agora falta pouco! Passou um dia, outro, um terceiro, e vivemos uma semana; eu já estava completamente noivo! Isso mesmo! As alianças encomendadas, marcaram o dia, só que eles não queriam divulgar por enquanto, estavam esperando o inspetor. Eu já não aguentava mais esperar o inspetor, minha felicidade dependia dele! Queria tirar logo aquele sujeito dos meus ombros. Mas Fedossiéi Nikolaitch, no meio da agitação e da alegria, despejava o trabalho todo em cima de mim: fazer as contas, escrever relatórios, conferir os livros, fechar o balanço... dou uma olhada: uma bagunça tremenda, tudo em desordem, riscos e

rabiscos para todo lado! Muito bem, pensei, vou me esforçar pelo bem do meu sogrozinho! E aí, ele passa mal, a doença se instala, cada dia que eu olho ele está pior. E eu mesmo estou magro que nem um palito, de noite não durmo, tenho medo de cair da cama! Mas terminei o negócio com perfeição! No prazo! De repente, mandaram um mensageiro me chamar. ‘Depressa, Fedossiéi Nikolaitch piorou!’ Saio correndo... o que será que houve? Quando olho, o meu Fedossiéi Nikolaitch está sentado, enrolado, tinha aplicado vinagre na cabeça, enruga a cara, respira mal, bufa: ai, ai! ‘Meu estimado, meu querido, vou morrer, com quem vou deixar vocês, meus pintinhos?’ A esposa entrou arrastando os filhos, Máchenka chorava... pois bem, até eu caí no choro! ‘Bem, não será assim’, diz ele, ‘Deus há de ter misericórdia! Não fará vocês pagarem por todos os meus pecados!’ Então, mandou que todos saíssem, deu ordem para trancar a porta, só ficamos eu e ele, olhos nos olhos. ‘Tenho um pedido para você!’ ‘Qual é?’ ‘Pois é, irmão, nem no leito de morte se tem sossego, estou em grandes apuros!’ ‘Mas como?’ Cheguei a perder a cor do rosto, a língua ficou paralisada. ‘Pois é, irmãozinho, tive de pagar a mais do meu dinheiro para o erário público; irmãozinho, para o bem geral, eu não poupo nada, não poupo nem a minha vida! Não pense mal de mim! É triste, para mim, que os caluniadores tenham me difamado diante de você... Você cometeu um erro, desde então minha cabeça ficou branca de desgosto! O inspetor está chegando, faltam sete mil nas contas da casa de Matviéiev, e sou eu que vai responder... quem mais? É de mim que vão cobrar, irmãozinho: como é que não vi? E tirar o quê do Matviéiev? Já tiraram bastante dele; para que castigar mais ainda o infeliz?’ Santos benditos, pensei, aí está um homem justo! Isso é que é uma alma!

E ele: ‘Sim, não quero pegar da filha, daquilo que lhe cabe como dote; esse dinheiro é sagrado! Tenho do meu, é verdade, mas está nas mãos dos outros, como é que vou juntar isso agora?’ Eu, do jeito como estava, me joguei de joelhos na frente dele: ‘Meu benfeitor’, gritei, ‘ofendi você, causei um desgosto, os caluniadores escreveram contra você, não se mate assim, pegue de volta seu dinheirinho!’. Ele olha para mim, lágrimas escorrem de seus olhos. ‘Era o que eu esperava de você, meu filho, levante; eu já o perdoei pelas lágrimas da minha filha! Agora, meu coração também perdoa você. Você curou minhas chagas! Eu o abençoo pelos séculos dos séculos!’ Bem, assim que me deu sua bênção, senhores, fui correndo para casa e peguei o dinheiro: ‘Está aqui, paizinho, tudo, só tirei cinquenta rublos!’. ‘Está bem, não tem importância’, disse ele, ‘mas, numa hora dessa, qualquer fiapo conta; o tempo voa, escreva um relatório, com data retroativa, diga que teve de pegar cinquenta rublos de adiantamento do salário. Assim, vou mostrar às autoridades que o dinheiro foi dado como adiantamento para você...’ E então, que tal, senhores? O que acham? Eu escrevi o relatório!”

— Mas como foi, o que aconteceu, como é que isso terminou?

— Assim que escrevi o relatório, meus ilustres senhores, a história terminou assim. Logo no dia seguinte, de manhã cedinho, um pacote com o selo do governo. Olho... e o que é que encontro? A demissão! Pronto, assunto encerrado, peça as contas, vá para onde quiser!

— Mas como assim?

— Pois foi isso mesmo que eu gritei como um louco: como assim? Ilustres senhores! Puxa, meus ouvidos zuniram! Pensei que era só um engano, mas não, o inspetor tinha chegado à cidade. Meu coração tremeu!

Ora essa, pensei, tem alguma coisa por trás disso! Do jeito como estava, fui falar com Fedossiéi Nikolaitch: “O que é isso?”, perguntei. “O que é o quê?”, disse ele. “Ora, esta demissão aqui!” “Que demissão?” “Esta.” “Ora, mas isso é uma demissão!” “Sim, mas como pode ser, por acaso eu pedi?” “Como não pediu, o senhor mesmo entregou, no dia 1º de abril” (pois eu não tinha pegado de volta o papel!). “Fedossiéi Nikolaitch, será que é o senhor mesmo que eu estou ouvindo, será que é o senhor mesmo que meus olhos estão vendo?” “Sou eu mesmo, por quê, o que foi?” “Meu Deus!” “Sinto muito, senhor, sinto muito que o senhor tenha pensado em deixar o serviço público tão cedo! Um jovem precisa trabalhar, mas o senhor, cavalheiro, é um cabeça de vento. Quanto ao atestado, fique tranquilo: vou cuidar disso. O senhor mesmo sempre atestou a seu favor!” “Mas, naquela hora, eu estava só fazendo uma brincadeira, Fedossiéi Nikolaitch, eu não queria, entreguei o papel como uma coisa em família... só isso!” “Como só isso? Mas que brincadeira, meu senhor! Por acaso se brinca com documentos? Por causa dessas brincadeiras, o senhor ainda vai acabar na Sibéria. Agora, adeus, não tenho mais tempo, estamos com o inspetor, as obrigações do serviço público vêm em primeiro lugar; o senhor pode ficar à toa, mas nós, aqui, cuidamos do trabalho. Mas vou fazer o atestado para o senhor, como deve ser. E outra coisa, já combinei o preço da casa do Matviéiev, vamos mudar daqui a alguns dias, portanto espero não ter o prazer de ver o senhor em nossa nova residência. Adeus!” Fui para casa o mais depressa que pude. “Estamos perdidos, vovó!” Ela deu uivos, transtornada; e então, vejam só, avistamos um moleque correndo da casa de Fedossiéi Nikolaitch, com um bilhete e uma gaiola e, dentro da gaiola, um estorninho; era o

estorninho falante que eu, na exuberância de meus sentimentos, tinha dado de presente para ela; e, no bilhete, estava escrito: *10 de abril*, e mais nada. Aí está, senhores, o que acham?

— Ora, como assim, o que mais???

— O que mais? Certo dia, encontrei o Fedossiéi Nikolaitch, queria dizer bem na cara dele: canalha...

— E aí?

— Aí, senhores, sei lá por quê, não disse nada!

---

1. O nome Polzunkov remete ao verbo *polzti*, rastejar, e ao substantivo *polzunok*, bebê que engatinha.

2. Citações da peça *A desgraça de ter espírito*, do dramaturgo russo Aleksandr Griboiédov (1795-1829).

3. Um *pud* equivale a 16,3 quilos.

4. Ou Maria do Egito (c. 344-c. 421), prostituta que se tornou asceta e santa.

5. A mudança indica, por parte do marido, a ascensão de uma posição (de sétima para sexta) na hierarquia do funcionalismo civil.

Copyright © 2018 by Penguin-Companhia das Letras  
Copyright da apresentação © 2018 by Rubens Figueiredo  
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de  
1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or  
unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group  
(USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA)  
Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Белые ночи. Сентиментальный роман (Из воспоминаний мечтателя)

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Clara Diament  
Angela das Neves

ISBN 978-85-545-1230-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)





PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

*O jogador*

# O jogador

Dostoiévski, Fiódor

9788554510329

232 páginas

[Compre agora e leia](#)

De um dos grandes mestres da literatura russa, um romance perturbador sobre o vício destrutivo do jogo. Impressionante retrato psicológico do vício destrutivo do jogo, compulsão que o próprio Dostoiévski conhecia intimamente, O jogador retrata com perfeição a busca incessante por uma lógica que norteie o acaso e a necessidade de controle que acometem todo jogador inveterado. Numa estação de águas na sugestiva cidade alemã de

Roletemburgo, Aleksei Ivánovitch, jovem professor de origens humildes, vivencia a emoção do jogo e o infortúnio amoroso enquanto tenta entender as confabulações que definirão o seu destino e o de seus próximos. Num ambiente em que fortunas se dilapidam e o futuro se decide ao sabor da sorte, a tentação do risco e a necessidade imperiosa de experimentar o abismo são o motor deste que continua sendo um dos romances mais perturbadores que o século XIX viu nascer.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

VIRGINIA WOOLF

*Mrs Dalloway*

# Mrs. Dalloway

Woolf, Virginia

9788543810638

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um marco do romance modernista escrito por uma das autoras mais importantes de todos os tempos. Obra mais famosa de Virginia Woolf, Mrs. Dalloway narra um único dia da vida da famosa protagonista Clarissa Dalloway, que percorre as ruas de Londres dos anos 1920 cuidando dos preparativos para a festa que realizará no mesmo dia à noite. Pioneiro na exploração do inconsciente humano por meio do fluxo de consciência, Mrs. Dalloway se

consagrou tanto pelo experimentalismo linguístico quanto pelo retrato preciso das transformações da Inglaterra do período entre guerras. Misto de romance psicológico com ensaio filosófico, este livro resiste a classificações simplistas e inaugura um gênero por si só. Precursor de algumas das maiores obras literárias do século XX, este romance é uma leitura incontornável que todo mundo deve fazer ao menos uma vez na vida.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

*O eterno marido*

# O eterno marido

Dostoiévski, Fiódor

9788554512286

232 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito entre Os demônios e O idiota e descrito pelo biógrafo Joseph Frank como "uma pequena obra-prima", O eterno marido traz Dostoiévski em sua melhor forma como um dissecador implacável das peculiaridades e fraquezas do caráter humano. No meio da noite, um homem atende a uma batida na porta. O marido de uma antiga amante o espera na soleira, mas ele ainda não sabe se o romance foi descoberto. A partir dessa premissa, se



estabelece um intenso debate intelectual, que levará os dois homens a conclusões devastadoras. Em O eterno marido, Dostoiévski destila toda a sua capacidade de construir enredos arrebatadores e ao mesmo tempo filosoficamente profundos. Ao revisitar temas caros ao autor, esta narrativa madura se revela um de seus romances curtos mais bem-acabados e uma das mais sensatas reflexões sobre a dualidade do amor.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLASSICOS

F. SCOTT FITZGERALD

*O grande Gatsby*

# O grande Gatsby

Fitzgerald, F. Scott

9788580862676

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nos tempos de Jay Gatsby, o jazz é a música do momento, a riqueza parece estar em toda parte, o gim é a bebida nacional (apesar da lei seca) e o sexo se torna uma obsessão americana. O protagonista deste romance é um generoso e misterioso anfitrião que abre a sua luxuosa mansão às festas mais extravagantes. O livro é narrado pelo aristocrata falido Nick Carraway, que vai para Nova York trabalhar como corretor de títulos. Passa a conviver com a

prima, Daisy, por quem Gatsby é apaixonado, o marido dela, Tom Buchanan, e a golfista Jordan Baker, todos integrantes da aristocracia tradicional. Na raiz do drama, como nos outros livros de Fitzgerald, está o dinheiro. Mas o romantismo obsessivo de Gatsby com relação a Daisy se contrapõe ao materialismo do sonho americano, traduzido exclusivamente em riqueza. Aclamado pelos críticos desde a publicação, em 1925, O grande Gatsby é a obra-prima de Scott Fitzgerald, ícone da "geração perdida" e dos expatriados que foram para a Europa nos anos 1920.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

JAMES JOYCE

*Dublinenses*

# Dublinenses

Joyce, James

9788554512569

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Obra mais acessível do autor de Ulysses ganha versão brasileira com tradução primorosa de Caetano W. Galindo.

Quinze contos que apresentam a obra de um dos maiores autores ocidentais.

Uma das coletâneas de contos mais conhecida da língua inglesa,

Dublinenses faz um retrato vívido e inclemente sobre a "boa e velha Dublin" do começo do século XX. Essas quinze histórias, incluindo "Arábias", "Graça" e "Os mortos", mergulham no coração da

cidade natal de James Joyce, capturando não só a cadência da fala, mas também o realismo quase brutal dos sentimentos de seus habitantes. A edição ainda inclui a história "O velho vigia", escrita por Berkeley Campbell, que serviu de mote para que Joyce escrevesse o conto "As irmãs", que abre a coletânea. Publicado pela primeira vez em 1914, este livro decifra a vida da classe média católica da Irlanda, mas também lida com temas universais como decepções, frustrações e o despertar sexual. Joyce tinha 25 anos quando escreveu estes contos, considerados por muitos tanto um experimento literário quanto a obra mais acessível do autor.

[Compre agora e leia](#)